



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS)
CHAPECÓ/SC
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

CLODOMIR JARDEL GAIO

A BILDUNG ALEMÃ E A FORMAÇÃO HUMANA PARA A AUTONOMIA

CHAPECÓ

2022

CLODOMIR JARDEL GAIO

A *BILDUNG* ALEMÃ E A FORMAÇÃO HUMANA PARA A AUTONOMIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Graduado.

Orientador: Prof. Dr. Odair Neitzel

CHAPECÓ/SC

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Gaio, Clodomir Jardel
A Bildung alemã e a formação humana para a autonomia
/ Clodomir Jardel Gaio. -- 2022.
80 f.

Orientador: Doutor Odair Neitzel

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Filosofia, Chapecó, SC, 2022.

1. Bildung. 2. Goethe. 3. Wilhelm Meister. 4.
Formação humana. 5. Autonomia. I. Neitzel, Odair,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CLODOMIR JARDEL GAIO

A *BILDUNG* ALEMÃ E A FORMAÇÃO HUMANA PARA A AUTONOMIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Chapecó - SC, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 16/08/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Odair Neitzel – UFFS
Orientador

Prof. Dr. Ediovani Antônio Gaboardi – UFFS
Avaliador

Prof. Dr. Márcio Luís Marangon – UPF/Colégio Notre Dame – Passo Fundo/RS
Avaliador

Dedico este trabalho ao meu filho Benjamim Levi Gaio, razão pela qual persisti na caminhada acadêmica, a fim de buscar ser para ele uma referência não apenas de pai, mas sim de intelectualidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a אלהים (*Yahweh*), pelo dom da vida e por ter me sustentado até aqui. A meu pai Clodomir, minha mãe Nedi, e meu irmão Israel, por todo o zelo e dedicação que sempre despenderam comigo, incentivando e instruindo-me a seguir pelo caminho da educação. Foi em minha família que tive o primeiro contato com essa temática, tendo em meu pai uma figura de esclarecimento e intelectualidade o qual é minha referência. Em especial minha esposa Walare, e meu filho Benjamim, os quais me motivaram nos momentos em que as ideias não fruía. Estando ao meu lado em todos os momentos, sendo que por diversas vezes escrevia ou lia com meu filho no colo. Tais momentos ficarão marcados para sempre em minha memória. Ademais, sou grato ao professor Dr. Odair Neitzel pelo carinho e estima, na orientação do presente trabalho. O qual mostrou-se não só uma pesquisa, mas uma introspecção sobre o sentido da vida, e da importância da filosofia em todos os momentos de minha existência.

Quando alguém pergunta para que serve a filosofia, a resposta deve ser agressiva, visto que a pergunta pretende-se irônica e mordaz. A filosofia não serve ao Estado, nem à Igreja, que tem outras preocupações. Não serve a nenhum poder estabelecido. A filosofia serve para entristecer. Uma filosofia que não entristece a ninguém e não contraria ninguém, não é uma filosofia. A filosofia serve para prejudicar a tolice, faz da tolice algo de vergonhoso. Não tem outra serventia a não ser a seguinte: denunciar a baixeza do pensamento sob todas as suas formas. Existe alguma disciplina, além da filosofia, que se proponha a criticar todas as mistificações, quaisquer que sejam sua fonte e seu objetivo? Denunciar todas as ficções sem as quais as forças reativas não prevaleceriam. Denunciar, na mistificação, essa mistura de baixeza e tolice que forma tão bem a espantosa cumplicidade das vítimas e dos algozes. Fazer, enfim, do pensamento algo agressivo, ativo, afirmativo. Fazer homens livres, isto é, homens que não confundam os fins da cultura com o proveito do Estado, da moral e da religião. Vencer o negativo e seus altos prestígios. Quem tem interesse em tudo isso a não ser a filosofia? (Deleuze, “Nietzsche e a filosofia”, 1976, p. 87)

RESUMO

O presente trabalho, é uma pesquisa de cunho hermenêutico analítico, no qual pretende-se a partir da obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1796) de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), compreender ou ao menos interpretar a possibilidade do desenvolvimento do autogoverno a partir da *Bildung* alemã. O tema está alicerçado na formação humana, assunto que permeia a nossa existência, sendo o lastro da educação. Na busca por entender como a *Bildung* opera, foi abordado o contexto formativo do jovem Wilhelm Meister, personagem principal do *Bildungsroman*, (romance de formação), interpretando suas experiências e correlacionando com a possibilidade de uma formação universal. Na compreensão de como ocorre a formação humana, houve uma articulação entre os conceitos de *educabilidade* e *perfectibilidade*, os quais são elementos indissociáveis da *Bildung*. Ademais a obra traz uma questão peculiar, abordando uma possível ideia de desenvolvimento de capacidades naturais, que Goethe denomina de talento. Em suma, a pesquisa mostrou-se uma reflexão importante sobre a necessidade de compreender a si mesmo, situar-se na realidade e ser um sujeito protagonista de sua própria história de vida, exercendo sua razão publicamente, buscando entender quais são suas faculdades e potencialidades para que possa ser uma nota afinada, na partitura da música de sua vida, e por conseguinte na sinfonia do mundo.

Palavras-chave: Bildung. Educabilidade. Perfectibilidade. Wilhelm Meister. Goethe.

ABSTRACT

The present work is analytical hermeneutic research, in which it is intended to understand or at least interpret the possibility of the development of self-government from the German *Bildung*. The theme is based on human formation, a subject that permeates our existence, being the ballast of education. In the quest to understand how Bildung operates, the formative context of the young Wilhelm Meister, main character of *Bildungsroman*, (novel of formation) was approached, interpreting his experiences and correlating with the possibility of a universal formation. In understanding how human formation occurs, there was an articulation between the concepts of educability and perfectibility, which are inseparable elements of *Bildung*. In addition, the work brings a peculiar question, approaching a possible idea of the development of natural capacities, which Goethe calls talent. In short, the research proved to be an important reflection on the need to understand oneself, to situate oneself in reality and to be a protagonist of one's own life story, exercising one's reason publicly, seeking to understand what are their faculties and potentialities so that you can be a tuned note, in the music score of their life, and therefore in the symphony of the world.

Keywords: Bildung. Educability. Perfectibility. Wilhelm Meister. Goethe.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2. A FORMAÇÃO HUMANA.....	19
2.1 <i>Bildung</i> como percurso formativo.....	25
3. A FORMAÇÃO HUMANA EM JOHANN WOLFGANG VON GOETHE.....	32
3.1 A formação pessoal de Goethe na construção da obra.....	36
3.2 Uma compreensão geral da obra.....	38
4 O EXERCÍCIO DA <i>BILDUNG</i> NO ENREDO DA OBRA.....	40
4.1 Uma romantização do teatro.....	41
4.2 Da inocência a realidade: compreendendo o mundo como ele é	43
4.3 Wilhelm vive um sonho	48
4.4 Conhecendo sua potencialidade e seus limites.....	60
4.5 O despertar de um sono dogmático	64
4.6 O desvelamento da <i>Bildung</i>	69
4.6.1 <i>O método goethiano</i>	70
4.7 Uma compreensão de si mesmo a partir da <i>Bildung</i>	73
5. CONCLUSÃO	74
REFERÊNCIAS	77

1 INTRODUÇÃO

Desde minha adolescência, a temática da educação faz parte da minha vida. Meu pai, Clodomir Gaio, professor de filosofia, foi Secretário de Educação de 2009 a 2011 e trabalha atualmente como supervisor escolar e coordenador pedagógico, em Rio dos Índios/RS, minha terra natal. Essa vivência próxima dos processos educacionais, para além da sala de aula me instigou a pensar sobre a educação, como um processo que transforma a vida das pessoas.

Do mesmo modo, uma experiência com um trabalho que desenvolvi no 2º ano do Ensino Médio na E. E. M. Romano Padoan, no município de Rio dos Índios/RS, entre os anos de 2011 e 2014, no Estado do Rio Grande do Sul quando houve uma reestruturação do Ensino Médio Geral passando a ser Ensino Médio Politécnico, tornando obrigatório nas escolas o desenvolvimento de projetos e seminários integrados, com o objetivo de articular as áreas do conhecimento e suas tecnologias, a partir dos eixos Cultura, Ciência, Tecnologia e Trabalho (SEDUC/RS, 2011) me ajudou a aprofundar esta compreensão.

Nesses projetos, os alunos do 1º ano, 2º ano e 3º ano (do Ensino Médio) desenvolviam atividades de pesquisa, nas áreas acima citadas, a fim de pôr em prática os conhecimentos teóricos, com o objetivo de preparar os jovens estudantes para o mercado de trabalho e incentivá-los a continuar seus estudos em nível superior (AZEVEDO, 2013).

Em um desses projetos, apresentei para toda a escola (alunos professores e servidores) os diferentes métodos educacionais como: o tradicional, o construtivista, o montessoriano (entre outros) bem como, o tema do surgimento das primeiras escolas, seu desenvolvimento desde a antiga Grécia, até chegar ao formato empregado em grande parte dos sistemas educacionais pelo mundo, bem como, no sistema educacional brasileiro.

Toda essa pesquisa, me fez refletir sobre o impacto do sistema educacional na vida dos sujeitos, visto que o processo formativo em sua totalidade só é possível mediante a educação. A partir desse contexto, decidi cursar licenciatura em filosofia na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *Campus* de Chapecó/SC, com o propósito de *vir-a-ser* professor, na busca por uma compreensão melhor da estrutura de conhecimentos que articula a formação do sujeito, pois, a filosofia como *alma matter* da elucidação e formulação de conceitos explicativos das questões da humanidade, traz clareza para a temática da educação quando se debruça em racionalizar/categorizar o processo

formativo, incentivando o *vir-a-ser* do sujeito através das reflexões filosóficas-educacionais.

Assim sendo, chego até este trabalho após longa trajetória acadêmica buscando apresentar uma concepção de educação na ótica da filosofia, a qual, nos levará ao curso central dessa pesquisa, a saber, a formação humana. Visto que o processo formativo através da educação, possibilitou o desenvolvimento das grandes civilizações, grandes pensadores e até mesmo a própria filosofia. A exemplo disso, no século XVIII e XIX (apogeu da filosofia moderna) surgiu uma discussão na Alemanha, como salienta Fabiano L. Britto em seu artigo *Sobre o conceito de Educação Bildung na filosofia moderna alemã*:

Uma das características mais importantes da filosofia moderna alemã – e essa é, talvez, a marca de sua singularidade em relação à filosofia moderna como um todo – foi o fato de que ela comportou, em seu núcleo mesmo, uma preocupação com a ideia de educação [...] (BRITTO, 2010, p. 1)

De fato, tem-se o exemplo de grandes civilizações que se preocuparam com a educação e se debruçaram em pensar sobre o desenvolvimento de sua nação a partir dela, conseguiram expandir o horizonte de possibilidades qualitativas para sua população, abrindo as portas para o progresso econômico, cultural, social e filosófico. Como exemplo destas civilizações é possível citar a Alemanha, a qual, em seu apogeu foi impactada diretamente pela *Aufklärung*: processo cultural que valorizava a razão, a liberdade e a possibilidade de acesso ao conhecimento por todo e qualquer indivíduo.

Durante este período, a Europa, passava por uma série de transformações, sociais, política, cultural e econômica, durante o século das luzes, período que ficou conhecido como Laicização do estado, como afirma o pedagogo italiano Franco Cambi em seu livro sobre a *História da Pedagogia* (1999):

[...] o século XVIII encerra os processos de Laicização do mundo moderno, possibilitando assim a emancipação das condições de vida, de produção e de concepção de mundo, agora possibilitado pelo viés racional e científico. Marcado por três revoluções: a da independência americana, a burguesa e jacobina na França, a econômico-industrial na Inglaterra, e pela difusão de ideias em nível quase de massa (através de livros, imprensa diária e periódica, opúsculos etc.), manifestaram-se na sua forma orgânica uma sociedade e uma cultura laicizada, um homem-indivíduo que é um novo sujeito social, uma nova imagem do Estado e da economia que vêm romper definitivamente com a sociedade de ordem do Ancien Régime, realizando pela primeira vez uma "sociedade moderna" no sentido próprio: burguesa, dinâmica, estruturada em torno de muitos centros (econômicos, políticos, culturais etc.), cada vez mais participativa e inspirada no princípio-valor da liberdade (CAMBI, 1999, P. 324).

Essa efervescência do pensamento possibilitou o surgimento de novas perspectivas para várias nações. Na Alemanha, por exemplo, no final do séc. XVIII viu-se florescer a filosofia, a educação, a literatura, a poesia, a música e a arte. Pode-se destacar personagens deste movimento como Immanuel Kant (1724-1804), Friedrich Schiller (1759-1805), Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), Willian von Humboldt (1767-1835), Johann Friedrich Herbart (1776-1841), Christoph Martin Wieland (1713-1813), Johann Gottfried von Herder (1744-1803), entre outros, os quais enriqueceram o pensamento germânico e deixaram seu legado para a humanidade, protagonizando movimentos como o romantismo, o realismo e o idealismo, que são - por sua vez - o terreno filosófico-cultural que sustentou a concepção da *Bildung* como processo formativo do sujeito.

A *Bildung*, como uma concepção de educação interlinear, buscou o equilíbrio entre razão, emoções e experiências de vida, pretendendo despertar o sujeito para uma vida plena, na qual torna-se ciente de suas responsabilidades e se empenha em construir a si mesmo através da educação do seu espírito, tornando-se um ser humano íntegro. Isto é, aquele que compreende a si mesmo e a própria realidade que o cerca, como um autorretrato, cujo resultado depende principalmente da sua autoria. Obviamente, a depender dos utensílios e materiais empregados à disposição dos sujeitos, podem implicar em resultados diversos de seu intento inicial. Mas o desenho no quadro da vida, depende em grande parte do sujeito.

Assim sendo, desenha-se aqui o escopo do presente trabalho: investigar a ideia de formação humana, a partir do conceito de *Bildung*, como fora idealizado na ótica do pensador Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) em sua obra *Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister* (1796). A partir dessa obra pretendemos compreender e descrever a *Bildung* como um processo que possibilite ao sujeito o conhecimento de si mesmo, enquanto ser humano capaz de desenvolver sua autonomia.

Nesse sentido, é emblemática a frase do poeta grego Píndaro (518-437 a. C.): “Homem, torna-te no que és” (DALBOSCO, 2019, p. 37). A frase ilumina o significado da ideia do problema de pesquisa: Sustentado nesse escopo teórico busca-se, através do conceito de *Bildung* refletir sobre o processo formativo dos sujeitos que pretendem “avançar sem cessar, conhecendo os meios rumo ao seu objetivo e sabem assenhorar-se e utilizá-los” (GOETHE, 2017, p. 291). Isto é, feliz é aquele que compreende as circunstâncias que o cerca, utilizando-as a seu favor como instrumento formativo no

intuito de diminuir o impacto determinado por seu contexto e pretexto, buscando-se sobressair-se apesar dele.

A partir do primeiro *insight* sobre a formação humana, fez-se necessário mapear e buscar subsídios informativos para saber se seria uma “expedição” rumo ao inexplorado ou, se seria mais viável visitar lugares cuja presença do pensamento humano já tivesse explorado. Isto é, um levantamento sobre as pesquisas e produções acadêmicas sobre *Bildung*, Goethe, Formação Humana, Educação a partir da *Bildung* e Educação a partir da *Bildung* em Goethe.

Ao pesquisar no site Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) no Brasil, no dia 24 de março de 2022, o termo *Bildung* apresentara-se em 135.072 resultados, o termo Goethe em 74.458, o termo formação humana 47.408, o termo Educação *and Bildung* 473, Educação *and Bildung and Goethe* 40 resultados. Nesse sentido o tema *Bildung* é recorrente, mas ao delimitar as pesquisas a partir do escopo das intenções do presente trabalho, o número de trabalhos publicados diminui drasticamente. Alerta de sinal vermelho? Pelo contrário, sinal verde, para explorar um tema importantíssimo e que traz consigo a sobriedade de esclarecer o porquê das dificuldades educacionais enfrentadas na atualidade, isto é, a preocupação com a formação humana. Dentre os trabalhos analisados, irei citar alguns, os quais foram esclarecedores para o desenvolvimento e amadurecimento do tema e problema que se propõe esclarecer.

Abaixo está o quadro do referencial teórico dos trabalhos de pesquisa que de algum modo contribuíram para o desenvolvimento da presente pesquisa.

Quadro 1 – Seleção de trabalhos desenvolvidos sobre a *Bildung* no Brasil

Título	Autor	Natureza	Ano
Educação para a maioria: uma pedagogia contra a barbárie	Gabriel Lujan Pereira	Dissertação	2019
O legado da <i>Bildung</i>	Andrea Dorothee Stephan Möllmann	Tese	2011
O sujeito da educação em um contexto pós-metafísico	Vítor Hugo Mendes	Tese	2006
Literatura à deriva: a crise da <i>Bildung</i> e a instrumentalização literária nos processos formativos	Geisiane Gregório Verdieri	Tese	2019
A formação de si (<i>Bildung</i>) do estudante universitário	Rita de Cássia Nascimento Leite	Tese	2016
Natureza, história, poesia: a exposição simbólica da <i>Bildung</i>	Isabel Coelho Fragelli	Tese	2014

Nietzsche, ensaio de uma pedagogia messiânica: sobre as origens e o desenvolvimento do conceito de <i>Bildung</i> em sua primeira filosofia da cultura	Fabiano de Lemos Britto	Tese	2009
A tradição alemã do cultivo de si (<i>Bildung</i>) e sua significação histórica	Alexandre Alves	Artigo	2019
Formação, educação e cultura: reflexões sobre o ideal de formação cultural [<i>Bildung</i>] na elaboração do sistema educacional alemão	Marcos Fábio Alexandre Nicolau	Artigo	2016
Nota Sobre o Conceito de <i>Bildung</i> (Formação Cultural)	Rosana Suarez	Artigo	2005
Aspectos da formação humana: <i>paideia</i> , <i>Bildung</i> e geofilosofia da educação	Fernanda Antônia Barbosa da Mota e Heraldo Aparecido Silva	Artigo	2017
A Formação (<i>Bildung</i>) Por Meio dos conceitos no Ensino de Filosofia	Everton Marcos Grison	Artigo	2020
<i>Bildung</i> na Contemporaneidade: Qual o Sentido?	Andrea Dorothee Stephan Möllmann	Artigo	2010

Fonte: Autor, 2022

De todos os trabalhos citados acima, os que se seguem apresentaram mais relevância: o trabalho a *Natureza, história, poesia: a exposição simbólica da Bildung* (2014), uma tese de Doutorado, defendida por Isabel Coelho Fragelli, objetivou examinar a ideia de formação enquanto *Bildung*, no contexto do período clássico da filosofia alemã. Relacionado aos pensamentos e obras de Goethe, Herder e Novalis, entre a temática de história, natureza e poesia. Em uma breve leitura esse trabalho mostrou ser mais fecundo para minha pesquisa, apresentando o desenvolvimento da *Bildung* como processo de formação, não apenas como cultura, mas como processo gerador de conhecimento

Outro trabalho de pesquisa relevante é a *Literatura à deriva: a crise da Bildung e a instrumentalização literária nos processos formativos* (2019). O referido trabalho, é uma dissertação de Mestrado, defendida por Geisiani Gregório Verdieri, cuja finalidade é avaliar o papel da literatura no processo de formação do sujeito na estrutura educacional do Brasil. Para tal empenho, a autora busca relacionar a ideia de formação a partir de transformações resultantes do Iluminismo e da *Bildung*. Essa dissertação também se mostrou relevante, tratando de uma preocupação com o processo de formação integral do sujeito a partir do uso da literatura, bem como relaciona o desenvolvimento e progresso da humanidade com a precariedade de processos educacionais ao longo crescimento e expansão do capitalismo e liberalismo.

Foi através das análises dos trabalhos que percebi a importância da revisão de literatura, em uma dessas “minerações” deparei-me com o trabalho *O legado da Bildung* (2011). Uma tese de Doutorado, defendida por Andrea Dorothee Stephan Möllmann, na qual, ela busca explorar a temática da *Bildung* no contexto da filosofia da educação, tendo como recorte processo de formação do Idealismo alemão entre 1770 e 1830. Neste trabalho, ocorre conceituação da *Bildung* a partir do pensamento de Humboldt, Schiler e Hegel, apresentando grande relevância para a pesquisa, pois, trata da conceituação clássica da *Bildung*, filósofos e educadores, pioneiros em caracterizar o conceito de *Bildung* como processo formativo aliado ao contexto educacional.

Destaco ainda o trabalho *Educação para a maioria: uma pedagogia contra a barbárie* (2019). Trata-se de uma dissertação de Mestrado defendida por Gabriel Lujan Pereira. Esse trabalho apresenta uma dinâmica interessante, buscando relacionar o conceito de *Bildung* ao processo formativo e a semiformação (*Halbbildung*) no pensamento de Adorno, trazendo uma crítica a sociedade contemporânea por não se preocupar mais com um processo de formação do sujeito enquanto autônomo e emancipado, a partir da ideia de esclarecimento ou *Aufklärung* apresentada por Kant. A partir desse diagnóstico, entendeu-se que Kant (1747-1804) seria o elo intermediador entre o processo formativo através da *Bildung* e da compreensão do sujeito enquanto responsável de si e para si, como objetivou-se para este trabalho.

Ora, na revisão de literatura pode-se perceber a preocupação com a formação humana, o que é partilhado na problemática da presente pesquisa. Trata-se de um tema pertinente, pois, em tempos em que somos acometidos por um processo de precarização/reducionismo em relação à formação e ao exercício de nossos ofícios com ênfase no ensino meramente técnico, ao assédio informacional e sem clareza sobre seu emprego, os sujeitos parecem ser meros transeuntes na sociedade, sem uma formação humana universal, sem um espírito crítico e despreocupadas com a verdade. Em nosso questionamento acompanhamos Marangon (2020): seria possível uma mudança, um novo caminho para uma geração de pessoas que possa ter acesso a uma formação universal, “que seja omnilateral e omnicomprensiva – eis as duas bases da formação que se encontram na obra de Goethe ” (MARANGON, 2020, p. 139).

Tais conceitos, são uma interpretação do referido autor, sobre a formação humana presente na obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1796). Omnilateralidade está relacionada a uma formação ampla em vários sentidos, tal como o próprio Goethe faz ao longo de sua vida, assumindo inúmeros ofícios e se debruçando nas mais variadas

áreas do conhecimento da literatura à física, da arqueologia à política. Goethe através deste “trânsito” por entre as áreas, buscava ampliar os horizontes de seu entendimento a partir das experiências teóricas e práticas. Já omnicompreensividade, refere-se à necessidade de compreender a si mesmo, conhecer suas possibilidades, potencialidades, limitações e fragilidades, a fim de constituir-se como um *ser* único que somos.

Neste caso, seu conceito formativo – como *Bildung* - tem um aspecto hermenêutico, onde Wilhelm Meister vai decifrando a si mesmo, pouco a pouco, em cada experiência, sem que isso signifique que haverá um “estar pronto”, mas sim, que haverá sempre um indivíduo mais preciso quanto a leitura de si e do mundo a sua volta (MARANGON, 2020, p. 139).

É com o que se pretende ocupar o presente trabalho. É com interesse nessa temática, nesse recorte, com base nesta breve revisão de literatura que situamos o objeto, a problemática na preocupação com os processos de formação para além da interpretação e compreensão de ideias, princípios e leis já postuladas.

A concepção de formação humana como um processo, cuja base e resultado eleve o espírito humano a conhecer a si mesmo, pretende tornar o sujeito ciente de suas disposições e potencialidades, de vir a ser aquilo que é, ou seja, tornando-se um espírito livre e capaz de entender a si mesmo para guiar-se na realização de seus anseios e projetos no percurso formativo da vida. É essa a essência da *Bildung*, apresentada na obra filosófica-literária de Johann Wolfgang von Goethe - *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* (1796).

A questão que se coloca é: seria possível uma formação humana para a autonomia a partir da *Bildung*? Como essa concepção de processo formativo da cultura alemã pode, ainda na atualidade, impactar a vida de uma pessoa, impulsionando-a para uma liberdade de espírito que a torne capaz de dirigir sua vida de forma autônoma, desenvolvendo suas potencialidades e constituindo seu ser a partir do conhecimento de si? Como, a partir do conceito da *Bildung*, é possível desenvolver alguém como *persona* ante a compreensão da realidade que o cerca, isto é, um sujeito protagonista não apenas em sua trajetória de vida, mas que componha a partitura da esfera pública como uma nota afinada, tal como pensa Goethe: “Só todos os homens juntos compõem a humanidade: só todas as forças reunidas, o mundo” (GOETHE, 2017, p. 524). Como uma formação humana omnilateral, pode potencializar as faculdades do sujeito, tornando-o ciente de sua humanidade? Seria possível fomentar as faculdades do sujeito a partir da *Bildung*, como um processo para a formação humana? Por que o ser humano não utiliza suas faculdades e possibilidades de

autonomia e se sujeita a viver conformado com uma vida medíocre, sem a compreensão de si, da potencialidade que ele tem de vir a ser? Doravante, seria possível a *Bildung* impactar novamente a vida das pessoas?

A partir da concepção da *Bildung* como processo formativo do sujeito, extraído do pensamento de Johann Wolfgang von Goethe, em sua obra os *Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, pretende-se reconstruir uma concepção de formação humana, que resulte em uma compreensão de si e da realidade que o cerca, preparando o sujeito para constituir sua existência de acordo com suas possibilidades, indo além da estrutura escolar e acadêmica. Esse intento envolve a família, a escola, a academia e a própria experiência de vida de cada indivíduo. Eis a singularidade de cada ser, na construção de si, e na própria realização, ao encontrar o propósito de sua existência em seu desenvolvimento. Pretende-se desenvolver a ideia de constituição do sujeito, enquanto possibilidade de vir a ser quem ele é, no sentido de humanidade no que diz respeito a compreensão da ética, da política, da estética e da episteme. Mas também, entender quais são suas faculdades e potencialidades para que se possa ser uma nota afinada, na partitura da música de sua vida, e por conseguinte na sinfonia do mundo.

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de perspectiva hermenêutica analítica, buscando apresentar o pensamento de Goethe em consonância com as inferências de comentadores e por fim um posicionamento pessoal. Na estrutura que segue, o segundo capítulo abordará o assunto da condição da formação humana, buscando compreender sua importância e como opera na vida do sujeito, a partir dos conceitos de *educabilidade*, *perfectibilidade*, *omnilateralidade*, *omnicompreensão*. São conceitos que buscaremos dirimir a fim de situar essa temática tão importante que é o *ser* humano. Ademais, a conceituação da *Bildung* será apresentada em sua formação histórica e como Goethe a interpreta. Buscar-se-á fazer uma proximidade do termo *Bildung* com a ideia de *Aufklärung*, isto é, esclarecimento, como um caminho possível para o exercício da *Bildung*.

O capítulo três é o cerne do presente trabalho, no qual será abordada a ideia de formação humana no pensamento de Johann Wolfgang von Goethe, contextualizando sua trajetória até a composição do livro os *Anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*, como a obra foi escrita, para qual finalidade, situando-a como um dos principais *Bildungsroman*, isto é, romances de formação da história da literatura. O capítulo quatro, trataremos do exercício da *Bildung* no enredo da obra, como ela se manifesta na vida de Wilhelm, como

ela opera, buscando entender se há possibilidade de desenvolver o autogoverno a partir desse percurso formativo ou se é apenas uma questão romântica e figurativa.

Por fim, será apresentado as considerações finais, com interpretações próprias da filosofia goethiana, fazendo um paralelo com a aplicabilidade da *Bildung*, na construção de si, e da possível resposta a que o presente trabalho se ocupa: seria possível uma formação de autogoverno a partir da *Bildung*? Queres descobrir, seja companheiro nesta viagem emocionante chamada “formação humana”, um prelúdio para entender o que é *ser* humano.

2 A FORMAÇÃO HUMANA

A preocupação com a formação humana, não é um tema recente. Podemos dizer que desde a “antropologização” da filosofia a partir de Sócrates (469-399 a. C.), os filósofos e grandes pensadores se dedicaram a essa temática. Pois o ser humano só compreende a razão de sua existência a partir do entendimento de sua humanidade. E isso, se dá pelo processo da *educabilidade*, em direção da *perfectibilidade* do sujeito (MARANGON, 2020).

Ora, a *educabilidade* é a própria condição humana. Trata-se do pressuposto fundamental de qualquer projeto educacional, isto é, da possibilidade de um percurso formativo (CARVALHO, 1990). É a ação circunstanciada que o sujeito possui de educar-se e ser educado, para que possa confrontar o determinismo natural. Nessa perspectiva o sujeito transcende a sua animalidade deixando-a em “stand by” ¹(o instinto de sobrevivência emerge quando necessário), visto que a *educabilidade* é o processo que o leva a reconhecer sua própria humanidade, em referência ao uso da razão. Essa compreensão surge a partir do Iluminismo, aliada a noção de que o ser humano é um sujeito educável (DAIGNAULT, 1985):

Contemporaneamente, autores como Ballauf, Kuhn, Rubfié e Gehlen, coincidem no essencial, numa definição de homem como *homo educandus*, precisamente com base na constatação e sobrevalorização da sua capacidade e necessidade biológica de educação, as quais, se não constituem, por si mesmas, uma justificação suficiente para o desenvolvimento da educação, afirmam, com certeza a imprescindibilidade desta e a possibilidade do seu processo efetivo a partir dos dados que a bioantropologia fornece. Tais dados apontam, nomeadamente para a ausência de fechamento nos componentes inatos da conduta humana, bem como para a subalternidade aí reinante quanto aos

¹ O impulso interior, independente da razão e de considerações de ordem moral, que faz o indivíduo agir no intuito de salvar sua vida, espécie ou livrar-se de uma situação de perigo.

processos de maturação espontânea, ambas complementadas pela existência, no homem, dos requisitos que permitem a aquisição de conhecimentos e de atitudes decisivas para a sua plena realização. (CARVALHO, 1990, p. 149).

O conceito de *homo educandus*, isto é, de que o homem é um ser educável, é destacado nos escritos de Immanuel Kant (1724-1804), especialmente em sua obra *Sobre a Pedagogia* (1803). De imediato, no primeiro parágrafo da obra ele surpreende o leitor ao afirmar: “o ser humano é a única criatura que precisa ser educada” (KANT, 1999, p. 11). Nesse sentido, o homem só pode tornar-se humano a partir da educação, sendo mediante a ela que o sujeito tem a possibilidade de entrar de posse e exercer sua liberdade a partir do uso da razão. O que, por sua vez, permite ao homem reconhecer a potencialidade que ele possui de ser o autor de sua própria história (NEVES, 2002).

Logo, a educação assume um papel fundamental na formação humana, visto que, o ser humano ao nascer carrega em sua gênese a possibilidade de crescer e desenvolver as necessidades básicas para a sua sobrevivência como: a alimentação, comunicação, mobilidade, etc. Possui ainda a possibilidade do desenvolvimento cognitivo, porém, precisa ser ensinado, guiado para que desenvolva a compreensão e domínio não apenas das necessidades básicas para sobreviver no mundo da razão, a fim de compreender a si mesmo e aos outros, e por conseguinte exercer sua liberdade. A partir dessa análise:

A educação serve para construção de um homem definido pelo seu futuro: antecipa a humanidade futura, o que lhe confere sentido porque o homem tem necessidade da educação para concretizar a sua liberdade e se instituir como ser moral. Daí que a educabilidade seja, de uma só vez, fundamento e garantia do projeto antropológico e do projeto educativo. (CARVALHO, 1990, p. 151).

É a partir da educação que o sujeito se constitui em sua humanidade como possibilidade presente e futura. O ser humano possui essa capacidade inerente ao ser, de tornar-se humano. Essa “antecipação” de sua humanidade torna-se concreta a partir da *educabilidade*. Pois educar é um verbo, e todo verbo indica ação, estado ou mudança de estado. Por isso a educação deve ser compreendida como um processo prático e construtivo, cuja exequibilidade se dá no percurso. Ademais, o termo educabilidade é a junção do verbo educar + o sufixo “dade”. “O sufixo é um elemento operatório importante para valorizar as especificidades funcionais e semânticas nas palavras derivadas, pois, diante da mesma base a estrutura de significado pode variar em função do sufixo utilizado (SIMÕES, 2009, p. 36 grifo do autor)”. Deste modo, o sufixo “dade”, é acrescido a adjetivos para formar substantivos que expressam a ideia de estado, situação ou

quantidade (HERNANDES, 2008). Logo o termo *educabilidade*, indica uma ação constante a qual impacta diretamente o presente e o futuro carregando em si a possibilidade de movimento e transformação do estado natural para compreensão de sua própria humanidade cuja eficácia, depende prioritariamente do sujeito.

Qualidade inerente à sua natureza, a educabilidade identifica à partida, a especificidade humana. De fato, só o homem é educável. Contudo, por o ser, ele é implicitamente remetido para um futuro que, desde aí, desafia, ultrapassa e anula a prevalência dos limites e das determinações naturais. A educabilidade, por isso, impõe ao homem o seu destino que, para ser destino humano, tem de ser voluntariamente construído. (CARVALHO, 1990, p. 154)

Por esse prisma, é pela *educabilidade* que surge a possibilidade ao homem transcender a naturalidade e a sua animalidade. seja mediante o auxílio de um mestre, ou de uma estrutura educacional como veremos no contexto formativo do próprio Wilhelm Meister.

É a *educabilidade* que possibilita ao sujeito a compreensão de que ele pode projetar o seu futuro, a partir do exercício de sua razão e por conseguinte tem a liberdade de construir-se. Para tanto o homem precisa despertar de seu estado natural para poder construir-se enquanto ser humano.

Pero lo fundamental en la educabilidad como propositividad es la propia intencionalidad del sujeto implicado y comprometido em la propia educación. A la base de la educabilidad como propositividad está la autonomía y la libertad personal, raíz también bioantropológica. A la base está un cerebro capaz de generar un comportamiento autónomo possibilitado para ello em la filogénesis, y que conviene analizar desde esta perspectiva (GETA, 1987, p. 102).

Ao afirmar que o fundamento da *educabilidade* é proporcionar ao sujeito a compreensão de que ele precisa querer e que precisa comprometer-se com a sua educação. Surge a base do processo educacional, a saber, o desenvolvimento da autonomia que o sujeito carece, e conseqüentemente, da liberdade de poder construir-se, a partir do desenvolvimento de suas faculdades, da *perfectibilidad* não como perfeição, mas como aperfeiçoamento, conceito este que é de suma importância para formação humana e, por conseguinte, para a *Bildung*.

O termo *perfectibilidad* é pontuado pelo pensador suíço, Jean-Jacques Rousseau (1712-1768), uma das figuras mais proeminentes do Iluminismo e do entendimento da natureza humana, que assumiu um papel importante na consolidação das teorias

contratualistas, bem como, em uma compreensão própria da educação e da formação humana. No seu livro *Discurso sobre a origem e fundamento das desigualdades entre os homens* (1755), também comumente conhecida como *Segundo Discurso*, obra que tem um viés antropológico, busca entender o fator de ruptura entre o estado natural do homem e o seu pertencimento a vida social, dando origem à civilização. A questão que persegue gira em torno de como ocorre e o processo que transforma o homem de um “bom selvagem” em um sujeito “civilizado”. No discorrer do texto, surgem duas palavras fundamentais para o entendimento da formação humana, sendo: a *educabilidade*, da qual já tratamos anteriormente, e a *perfectibilidade*.

A pergunta quem é o ser humano? serve não só como crítica social, mas, ao mesmo tempo, também como referência para fundar os princípios do direito político. Em que sentido a condição humana é responsável pela sociabilidade humana e pela própria corrupção social? No *Segundo discurso* desempenha papel importante, inicialmente, a tese do funesto azar como mola propulsora do abandono humano do estado de indolência natural. Ou seja, foram circunstâncias naturais fortuitas que puseram novos obstáculos à sobrevivência do ser humano e, para enfrentá-las, ele (o ser humano) teve que desenvolver novas forças (capacidades humanas). O ser humano pôde desenvolver progressivamente suas capacidades porque dispunha de uma capacidade maior, a capacidade das capacidades, que ele denomina de *perfectibilité* (DALBOSCO, 2018, p. 3).

No contexto da obra é abordado o processo de ruptura entre a animalidade e o tornar-se humano, e qual seria a diferença entre essas espécies. Rousseau defende que além da razão, a liberdade é uma das condições que o torna o homem, humano (DALBOSCO, 2018). Ademais, o indivíduo é permeado de faculdades que são intrínsecas ao *ser* humano. Dentre elas, a possibilidade de transcender seu estado natural e construir-se como queira.

Mas, ainda que as dificuldades que envolvem todas essas questões deixassem algum motivo de discutir sobre essa diferença do homem e do animal, há uma outra qualidade muito específica que os distingue, sobre a qual não pode haver contestação: é a faculdade de se aperfeiçoar, a qual, com o auxílio das circunstâncias, desenvolve sucessivamente todas as outras e reside, entre nós, tanto na espécie como no indivíduo, ao passo que um animal é, no fim de alguns meses, o que será toda a vida, e sua espécie, ao cabo de mil anos, o que era no primeiro desses mil anos (ROUSSEAU, 1999, p. 173-174).

A interpretação de Rousseau sobre o conceito de faculdade está relacionado a um estado de espírito, no qual o sujeito desenvolve uma representação mental que carrega em si a possibilidade de ação, de torná-la real, isto é, de pôr em prática o que fora representado mentalmente (DALBOSCO, 2018).

Nessa perspectiva, o homem é o único ser que traz consigo a capacidade (a partir da *educabilidade*), de aperfeiçoar-se, melhorar a si mesmo, construir um caminho formativo, compreendendo a realidade, podendo desenvolver as mais distintas ideias, sejam elas materiais ou imateriais, da interpretação e conceituação do que é liberdade, ética, justiça, igualdade e até mesmo verdade, ao invento de teorias científicas e objetos dos mais variadas formas e tamanhos. Ideias que melhoram de algum modo a qualidade da vida. Logo, a *perfectibilidade* é:

[...] o modo de ação que, vinculado à liberdade, torna-se a disposição de todas as disposições e que empurra o ser humano para as mais diferentes direções. Ela é a força que move e dá maleabilidade à ação humana, possibilitando ao ser humano que vive em condições naturais e sociais específicas criar-se e reinventar-se a si mesmo e interferir no processo de formação de outros seres humanos (DALBOSCO, 2018, p. 3).

Sendo assim, o termo *perfectibilidade* é considerado uma disposição, uma condição inerente ao ser humano. Todo sujeito, traz consigo essa possibilidade de transcender a sua realidade social, econômica e cultural. Podendo construir-se como queira, buscando desenvolver e reconhecer suas capacidades. Porém sua prática, seu exercício de forma concreta, trazendo resultados benéficos a ele, é uma tarefa que só é possível se alinhada e organizada de forma estrutural. A partir da *educabilidade*, da formação do sujeito no contexto educacional, social, cultural e filosófico. O ser humano passa a ter consciência de si, trilhar seu próprio caminho, mudar e transformar sua história à medida que se assume como protagonista de sua existência.

A questão da formação humana permeia e está intrinsecamente ligada à discussão educacional. Para além de um processo, a formação humana pode ser compreendida como um percurso formativo, que torna ao sujeito possível situar-se no espaço tempo do mundo. A educação opera como um movimento gerador da compreensão histórica do homem, o qual necessita entender a realidade que o cerca, a partir dos conteúdos e saberes elementares, para que possa tornar-se civilizado e, ao ser guiado pela razão, construir a si mesmo.

A importância da compreensão da estrutura da realidade que o cerca está alicerçada na necessidade de percepção da existência de uma sociedade movida por leis, direitos e deveres, questões relacionadas à ética e à moral, a participação pública, ao entendimento sobre a política, a necessidade da produção de bens e de capital como lastro econômico dessa realidade, e o mais importante, a produção intelectual, cultural e

acadêmica, que tornam possível a sobrevivência do sujeito em um grupo social, ora denominado sociedade. Surge assim, a imprescindibilidade de entender a importância do pertencimento a essa estrutura, a esse grupo social, a partir da máxima aristotélica que afirma que o “homem é um ser político e está em sua natureza o viver em sociedade” (ARISTÓTELES, 1991, p. 212).

É válido afirmar que o homem, além de compreender a realidade que o cerca, precisa entender que ao nascer, ao vir a este mundo, já faz parte dessa realidade, mesmo que em um primeiro momento apenas como “dado estatístico”. É somente a partir da compreensão de que existe uma realidade que circunda sua vida, na qual reside a possibilidade de exercer a atitude construtiva, de querer ser parte dessa dada realidade como autor, escritor e partícipe de uma história chamada existência humana. A *educabilidade* e a *perfectibilidade* são traduzidas na ação do sujeito que vislumbra a necessidade de tornar-se parte da realidade que o cerca, da humanidade, exercendo a razão pública de *ser e existir*.

Nessa perspectiva, não se vive sozinho no mundo, o relacionamento entre as pessoas é exercido por um entrelaçamento de situações que operam, desde a afetividade, à produção de bens materiais e imateriais. A própria necessidade da educação como *educabilidade*, torna-se possível pelo exercício da interpessoalidade e inter-dependência entre as pessoas.

Consequentemente, a *Bildung* se apresenta como um caminho possível para tal intento. Podemos considerá-la como um lastro do processo formativo humano, sendo uma concepção de educação interlinear, equilibrando razão, emoção e as experiências da vida, em consonância com a interpessoalidade. A finalidade pode ser o desenvolvimento das habilidades intrínsecas ao sujeito, bem como sua própria autonomia. Ou seja, despertar o sujeito para uma vida consciente, na qual ele é ciente de suas responsabilidades e se empenha em construir a si mesmo através da *educabilidade* do seu espírito, vindo a tornar-se um ser humano cosmopolita.

Isto é, aquele que compreende a si mesmo e a própria realidade que o cerca. Consciente de que ele precisa tornar-se o que é, ou seja, que o sujeito precisa desenvolver a noção de autonomia no percurso de sua existência, como um quadro a ser pintado por ele mesmo, cujo resultado depende somente dele. Pois é de uma formação humana omnilateral que a *Bildung* se ocupa, desenvolvendo a partir da educação, um processo formativo para além da interpretação e compreensão de ideias, princípios e leis já

postuladas. A *Bildung* se traduz por uma visão ampliada de saberes a partir do inter-relacionamento do sujeito com o mundo.

Nessa ótica, a *Bildung* emerge como uma concepção de formação cujo resultado eleva o espírito humano a conhecer a si mesmo, tornando o sujeito ciente de suas disposições e potencialidades, bem como, da importância de pertencer a sociedade exercendo sua razão pública, transmitindo valores e saberes a partir das conexões com o outro. Deste modo, entendemos por autonomia o tornar-se um espírito livre, e capaz de entender a si mesmo na condução da realização de seus anseios e projetos. Trata-se de processo que torna o sujeito senhor de si e responsável por sua trajetória, entendendo suas possibilidades e potencialidades humanas de *vir-a-ser* alguém, além de um reproduzidor e copista de ideias e valores. Entre outras coisas, implica em instigar o sujeito a desenvolver o melhor de si, em todos os sentidos da existência humana. A finalidade é despertá-lo de certo modo, para uma vida mais plena, na qual ele é ciente de suas responsabilidades e se empenha em construir a si mesmo através da *educabilidade* do seu espírito, vindo a tornar-se um ser humano capaz de utilizar a razão pública e governar a si em um processo perfectível.

Ora, mas como a *Bildung*, contribui para esse processo de desenvolvimento da autonomia do sujeito? É esta temática o objeto de análise na próxima seção.

2.1 *Bildung* como percurso formativo

A palavra *Bildung* é de origem alemã. Segundo (MASS, 2000), foi desenvolvida entre os séculos X e XII, primeiramente no período linguístico do médio-alto alemão, sendo escrita como (*bildunge*) e, mais adiante, no alemão tardio, escrita como (*bildunga*). Deste modo “seu primeiro significado está atrelado a acepções visuais como ‘imagem’ (*Bild*), reprodução, ‘representação da imagem’ (*Abbild, Ebenbild*), ‘imitação’, ‘reprodução’ (*Nachahmung, Nachbildung*)” (MASS, 2000, p. 24-25, grifo do autor). Logo, a primeira concepção alemã de *Bildung* buscava traduzir a ideia de representação, de releitura, a partir de uma imagem original ou preestabelecida para o exercício de uma *mimesis* (AUERBACH, 1976).

Esta conceituação etimológica do termo, perpassa por questões histórico culturais e pela teorização da aplicabilidade da ideia de formação na vida do sujeito a partir de um ideal, uma imagem, ou exemplo perfeito a ser seguido. Em vista disso, segundo Goergen (2017), a primeira teorização da *Bildung* está ligada a ideia de formação mística e

teológica, defendida pelo frade dominicano Eckardt de Hochheim (1260-1328), cuja concepção estaria fundada no relacionamento da alma humana para com Deus. Assim, o exercício formativo ocorre pelo estreitamento dos laços entre o humano e a deidade, a partir da compreensão das verdades teológicas, doutrinárias e dogmáticas.

Posteriormente, o médico suíço Paracelsus (1493-1541), figura importantíssima para o desenvolvimento da medicina no período renascentista, apresenta a ideia de *Bildung* como o processo de desenvolvimento das aptidões inerentes ao sujeito, isto é, a busca pelo aprimoramento do talento dado por Deus a cada indivíduo. Mais adiante o teosófico², Jakob Bohme (1575-1624), desenvolve a concepção de que a *Bildung* é o “despertar e o desenvolvimento ativo de imagens e representações internas da pessoa e entre as pessoas” (GOERGEN, 2017. p. 439), e que será denominado de relações subjetivas e intersubjetivas pelos filósofos contemporâneos. É importante perceber que, a partir de Bohme, surge a concepção de autonomia pessoal e da necessidade de relacionar-se com o outro na construção do conhecimento, ponto crucial para o desenvolvimento de si e de uma formação humana (GOERGEN, 2017). Detalhe: essa contextualização histórica do termo pré-clássico da *Bildung* ocorre especialmente na Alemanha.

Depreende-se do pequeno intercurso histórico, que o conceito de *Bildung* desde sua gênese traz em seu âmago a ideia de formação. Perpassando de um sentido vertical - entre o homem e a deidade para uma compreensão horizontal da natureza do indivíduo, da realidade que o cerca e de si mesmo. Assim, a *Bildung* assume o papel de processo formativo que visa esclarecer o sujeito a partir da educação, valorizando a experiência oriunda das relações interpessoais, no desenvolvimento de sua noção de pertencimento à realidade que o cerca. Para assim fomentar o amadurecimento de seu intelecto vindo a potencializar sua autonomia mediante o auxílio de uma estrutura de ensino ou a figura do mestre.

A passagem do conceito de *Bildung* para a linguagem especializada ocorre em meados do século XVIII, na pedagogia do esclarecimento. Nessa época, a ideia de *Bildung* passa a ser formulada nos termos da linguagem disciplinar da pedagogia, tornando-se, no curso do distanciamento do paradigma teológico, metafísico e místico anterior, o conceito-chave da educação e do ensino (GOERGEN, 2017, p. 439-440).

² Teosofia do grego clássico (θεοσοφία), grega (θεοσοφία), que combina grego clássico (θεός), "Deus" e sophia (σοφία), "sabedoria", que significa "sabedoria divina" refere-se a um conjunto de doutrinas filosóficas, místicas, ocultistas e especulativas que buscam o conhecimento direto dos mistérios presumidos da vida e da natureza, da divindade e da origem e propósito do universo.

O século das luzes, a saber, o séc. XVIII, período em que o Iluminismo fulgura seu esplendor, torna-se um ambiente favorável e necessário para o desenvolvimento de uma formação humana racional e universal. Vale lembrar do período que antecede esse processo, a Renascença (séc. XIV–XVI), em que se promove uma valorização do homem e do questionamento do poder do clero e dos desígnios de Deus, ante a busca pelo saber e desenvolvimento das experiências científicas, do método aplicado, da alquimia, bem como o crescimento de uma nova classe chamada burguesia, responsável pelo início do comércio e descentralização dos feudos (MICELI, 1994). E por consonância o desenvolvimento do mercantilismo, palco do surgimento do capitalismo como sistema econômico, organizador das relações de produção e consumo de bens, ressignificando toda a vida social da humanidade até então.

Se as transformações que ocorreram pela Revolução Industrial, entre a Idade Média e a Idade Moderna, possibilitaram progresso e o crescimento científico e econômico, a filosofia do esclarecimento (Iluminismo) por sua vez impulsionou o progresso e crescimento intelectual da humanidade e, é nesse contexto que, no final do século XVIII, a palavra *Bildung* assumirá de fato a qualidade semântica de formação, como é possível perceber em um dos textos do filósofo Moses Mendelssohn (1729-1786), especificadamente na carta ao periódico Mensal Berlinense (*Berlinische Monatsschrift*) em resposta à pergunta “O que é o Iluminismo?” (*Was heisst Aufklärung?*), publicada em 1784:

As palavras Iluminismo (*Aufklärung*), Cultura (*Kultur*), formação (*Bildung*), ainda são novas em nossa língua. Por enquanto, elas apenas pertencem à linguagem dos livros. As pessoas comuns mal os entendem. Isso deve ser uma prova de que o assunto ainda é novo para nós? Eu não penso assim. Diz-se de um certo povo que não tem uma palavra definida para virtude, nem para superstição; se alguém pode corretamente atribuir a ele um grau não negligenciável de ambos. No entanto, o uso da linguagem, que parece querer indicar uma diferença entre essas palavras equivalentes, ainda não teve tempo de fixar os limites delas. Formação, cultura e esclarecimento são modificações da vida social; Efeitos da diligência e dos esforços das pessoas para melhorar sua condição social. A educação se decompõe em cultura e esclarecimento. A primeira parece focar mais na praticidade: na bondade, delicadeza e beleza no artesanato, nas artes e na sociabilidade (objetiva); sobre habilidade, diligência e destreza naquelas inclinações, instintos e hábito nestes (subjetivos). Quanto mais correspondem ao destino de um povo em um povo, mais cultura lhes é atribuída; assim como uma propriedade é atribuída quanto mais cultura e cultivo, mais ela foi habilitada pela diligência das pessoas para produzir coisas úteis para as pessoas. – O Iluminismo, por outro lado, parece se relacionar mais com o teórico. Sobre o conhecimento racional (objeto.) e capacidade (sujeito) para a reflexão racional sobre assuntos da vida humana, de acordo com sua importância e influência no destino do homem (MENDELSSOHN, 1784, p. 193-194, tradução nossa).

Nesse período de efervescência do pensamento Iluminista, e de pleno exercício da filosofia do esclarecimento, a linguagem assume um papel importantíssimo para a transmissão de ideias e pensamentos. Logo, a definição de termos que carregavam um significado conceitual, emergiu como necessidade de justificação para ideias, isso posto, os pensadores atribuíram qualidades semânticas e morfológicas as palavras, a fim de exprimir o significado prático ou teórico do termo, ao qual, querem referenciar, como por exemplo, na palavra *Bildung*, que no início de sua concepção, traduzia o conceito de imagem e representação, para posteriormente no período Iluminista assumir o conceito de forma, formação em consonância com a ideia de formação intelectual, ensino, educação e desenvolvimento do ser humano.

Nessa perspectiva, o termo *Bildung* assume um repertório ideológico muito importante na língua alemã, impulsionando o desenvolvimento da cultura e intelectualidade de seu povo. Ao responder em sua ótica o que é o Iluminismo, Mendelssohn (2000), apresenta um dos “pilares de sustentação do otimismo iluminista, como a crença na possibilidade de aperfeiçoamento pessoal e no trabalho em prol do bem comum” (*In ou apud* MASS, 2000, p. 27), a saber, a importância da formação para o amadurecimento da intelectualidade alemã e do próprio sujeito, impulsionando a classe burguesa para a busca pela liberdade política, econômica, cultural, intelectual e de expressão.

Nesse sentido, a “*Bildung* eleva o homem ao nível racional, libertando-o da condição de mera função nas relações de poder” (GOERGEN, 2017, p. 440). A partir desse processo, a *Bildung* emerge como necessidade para o exercício racional do sujeito, visto que, o período Iluminista é marcado pela valorização da razão, como possível caminho para entender a realidade e discorrer sobre os conceitos indissociáveis da vida em sociedade como: ética, política, liberdade, igualdade e, por consonância, a noção de cidadania.

Ainda houve outras contribuições importantes para a formação do conceito de *Bildung*, até chegar à compreensão do termo empreendida por Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), um dos autores que embasam o presente trabalho. É preciso, por exemplo, mesmo que brevemente, tratar do entendimento do filósofo Cristian Wolff (1679-1754), figura proeminente para o desenvolvimento da língua alemã erudita, que “favoreceu a concepção de *Bildung*, como desenvolvimento das forças naturais da alma” (GOERGEN, 2017, p. 440).

Nesse sentido, passa a se defender a noção de que o ser humano traz consigo algumas disposições naturais, como falar, mover-se, pensar e raciocinar, as quais só serão desenvolvidas se instigadas e guiadas por uma razão exterior. Culminado na defesa de Immanuel Kant (1724-1804), de que o ser humano é o único *ser* que precisa ser educado, para que possa vencer sua animalidade (KANT, 1999). Sobre isso afirma Goergen (2017, p.40):

Ao longo desse percurso histórico, a *Bildung* perde sua aura mística e se assume como relação planejada e direta subjetiva ou entre educador e educando, a partir de um objetivo preestabelecido. Nesse novo momento, *Bildung* se funda sobre o pressuposto da natural fragilidade e dependência próprias da natureza humana e da conseqüente necessidade do homem de se conduzir e ser conduzido no processo de sua realização e integração social.

Por esse prisma, a *Bildung* passa a expressar a ideia de formação universal, como necessidade pedagógica, para uma emancipação não apenas racional, mas exercida na vida prática que conduz o indivíduo ao conhecimento de suas faculdades e por conseqüência a responsabilidade de aprimorar e desenvolvê-las, isto é, de construir a si mesmo, “pode-se dizer que *Bildung* é o mesmo que autoformação” (GOERGEN, 2017, p. 441). Porém, não é uma autoformação empreendida de qualquer modo, em qualquer direção, trata-se do direcionamento planejado pelo educador ou instituição, ocorrendo uma interferência de forma indireta, preservando a liberdade do educando para que este cultive a si mesmo ante um objetivo determinado.

Nesses termos, a concepção pedagógica do conceito de *Bildung* leva, no final do século XIX, à consagrada formulação programática de *Bildungstheorie*, ou seja, uma “teoria da formação”, com a finalidade maior de desvelar os fundamentos de uma ciência cujo objetivo seria expressar o ser, o vir a ser e as determinações do ser humano. Embora essa concepção ampla de uma disciplina nunca tenha sido concretizada, tornaram-se visíveis as linhas gerais de um projeto de tal natureza. A partir desse momento, a teoria da formação é concebida como uma ciência que visa reunir, num todo, as facetas do tomar-se humano e as possibilidades da influência e da ajuda externas na realização desse processo (GOERGEN, 2017, p. 442).

Ora, a idealização de uma teoria da formação, a qual se concretiza na compreensão do termo *Bildung*, será defendida pelo diplomata e filósofo prussiano Wilhelm von Humboldt (1767-1835), sendo o pioneiro a conceber a ideia de uma formação humana ligada às questões da vida e do relacionamento do sujeito com a sociedade. No texto *Sobre a organização interna e externa das instituições científicas de Berlim* (1810), é possível extrair uma ideia singular: “Ya que toda unilateralidad debe ser expulsada de las

instituciones científicas superiores” (HUMBOLDT, 2005, p. 286), isto é, que a educação formal, técnica e unilateral, não é capaz de sozinha instruir o sujeito para uma formação omnilateral e omnicomprensiva.

Por ello, la esencia de estas instituciones científicas consiste intemamente em conectar la ciencia objetiva con la formación subjetiva, extemamente em conectar la enseñanza que ya ha se ha completado en la escuela, con el estudio que el estudiante comienza a guiar por sí mismo (HUMBOLDT, 2005, p. 286).

Ao abordar a essência e preocupação primordial das instituições de nível superior, Humboldt, tematiza a importância da *Bildung* como um processo educacional capaz de desenvolver uma formação universal nos indivíduos, os quais, não seriam meros teóricos, tecnicistas, cientistas dogmáticos, pensadores de um racionalismo exacerbado, ou, que tais instituições ensinassem apenas competências específicas da matéria e área estudada, mas que pudessem desenvolver uma formação omnilateral, levando-os a entender o homem como um todo. Deste modo, “somente a fundamentação teórico-filosófica bem fundamentada do **vir a ser humano** poderia dar consistência tanto à regulamentação social do processo formativo quanto à formação do indivíduo em si” (GOERGEN, 2017, p. 443, grifo nosso).

É nessa perspectiva que Humboldt entende a *Bildung*, a descrevendo como o processo que direciona o sujeito para o conhecimento de si e da realidade que o cerca, o exercício de sua autonomia ante as relações de poder, a efetiva prática da liberdade no uso da razão pública e a imprescindível cooperação entre os pares na vida social (HUMBOLDT, 2005). É importante salientar que essa busca por uma formação universal do sujeito, e a própria teorização de Humboldt, está ligada a necessidade do período em que foi concebida.

Esta ideia de “progresso” tornou-se o conceito condutor do grande movimento de passagem cultural entre o período teológico-feudal-absolutista e o novo estágio racional-secularizado-democrático da modernidade. O progresso se funda no poder da razão e dispensa quaisquer outros recursos teológico-metafísicos para a condução da vida humana na perspectiva da perfectibilidade individual e social. Um papel central neste novo projeto social cabia à educação, constituindo, assim, a interdependência entre as ideias de progresso educação como forças condutoras de um novo modelo de desenvolvimento, racionalmente assegurado, das disposições humanas (GOERGEN, 2017, p. 444).

As revoluções burguesas, a preocupação com o atraso educacional dos alemães e a necessidade emergente do progresso, impulsionavam ainda mais a indispensabilidade

de uma formação humana que tornasse o indivíduo consciente de si mesmo e da importância da participação na vida pública, bem como, a produção de conhecimentos e partilha da intelectualidade em benefício do bem comum. Deste modo a *Bildung* pode ser entendida como a formação que torna o sujeito capaz de construir-se ao longo de sua existência, desenvolvendo a consciência de si e da realidade que o cerca, articulando a compreensão do presente em relação às experiências do passado, para assim projetar o seu futuro.

É sob essa ótica que Goethe compreende a *Bildung* e a tematiza na obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1796). apresentado o percurso formativo e desenvolvimento da consciência de si e da realidade, entendimento das faculdades e potencialidade que Wilhelm Meister possui, a partir do percurso formativo de sua existência. O qual deveria utilizá-las na vida pública e privada para assim exercer sua autonomia ante os pares na sociedade. Como isso acontece, veremos mais adiante ao tratarmos sobre o exercício da *Bildung* no enredo da obra. Dado a conceituação e apreensão do termo *Bildung*, como é trabalhado na obra de Goethe, se faz necessário discorrer sobre a importância do esclarecimento, e uso da razão como possibilidade para uma formação universal.

Nessa perspectiva, entendemos o esclarecimento como a autonomia do sujeito diante da tomada de decisões que estruturam sua existência social. A consciência e a compressão que o indivíduo precisa exercer na sua formação intelectual, são imprescindíveis para constituir-se como senhor de si, e liberta-se da tutela dos outros na compreensão da realidade que cerca. Este é um elemento primordial para o exercício da *Bildung*, visto que sem a autonomia, sem o uso de sua própria razão, não é possível realizar o percurso formativo, ou nem é possível algum percurso; não há movimento e vive-se na inércia. Não há formação humana para a autonomia na privação da liberdade no exercício da razão.

Por isso a *Bildung*, como veremos, é o processo no qual o sujeito desenvolve sua autonomia, compreendendo a importância de pensar por conta própria, constituindo-se senhor de sua própria trajetória de vida, para que haja uma formação humana universal. Tratando-se dessa temática, vamos realizar um intercurso histórico na formação pessoal e no ambiente cultural que forjaram o pensamento goethiano.

3 A FORMAÇÃO HUMANA EM JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

A busca pela compreensão das *omnipossibilidades* que o ser humano tem de vir a ser, em referência a sua formação total, envolve a compreensão de si e da realidade que o cerca. Não é novidade que o sujeito carrega consigo a possibilidade de tornar-se o autor de sua história, porém, é possível afirmar que a partir do advento da filosofia, do exercício cognitivo, ao se debruçar nas faculdades da razão, a filosofia proporcionou aos que ascendem do senso comum a atitude filosófica e a compreensão do ideal de humanidade.

Nessa ótica, vale lembrar da frase emblemática de Sócrates “Uma vida não pensada, não vale a pena ser vivida” (PLATÃO, 2013, p. 24) que a partir da negação da tradição poética e da conveniência diretiva dos deuses, inicia o caminho pela valorização da humanidade e a busca pela compreensão de si, através do exercício da razão, tornando-o autor e não mero coadjuvante na história da vida, ao escolher a morte ao invés de abdicar de seus ideais (PLATÃO, 2013).

Ora, essa referência ao preceptor de Platão foi necessária para que venhamos alicerçar a proposta do presente capítulo, sobre a formação humana. Não é uma novidade, como vimos, e pode-se dizer que é um tema inerente ao próprio exercício da filosofia. No “devir” dos séculos, vários pensadores deixaram seu legado ao se debruçarem nessa temática, dentre eles se destaca o pensador, romancista e filósofo alemão Johann Wolfgang Von Goethe (1749-1832).

Goethe nasceu em período peculiar da história. Pode-se dizer que foi um homem que se constituiu e construiu-se com as transformações de seu tempo, e como veremos foi além deste. Nasceu em 28 de agosto de 1749, na cidade de Frankfurt, parte do Sacro Império Romano Germânico, conhecida hoje como Alemanha. Naquela época a Alemanha ainda não era uma unidade federativa, mas repleta de ducados, províncias e cidades que eram impendentes, política e comercialmente. Frankfurt, na época do nascimento de Goethe, tinha cerca de 30 mil habitantes (BENJAMIN, 2009).

Johann Wolfgang Von Goethe, como inicialmente comentamos, foi produto de seu tempo, que com a decadência do absolutismo e ascendência da burguesia surgida como nova classe social, permitiu uma infinidade de possibilidades, antes primordialmente legada aos nobres. A família de Goethe vivencia essa transformação, não descendendo genealogicamente de família nobre, como afirma o ensaísta, crítico literário e filósofo alemão, Walter Benjamin (1892-1940) em sua obra *Ensaio reunidos: Escritos sobre Goethe*:

Em seu processo de amadurecimento, a nova burguesia reflete-se nitidamente na árvore genealógica do poeta, que foi seu sustentáculo cultural e, no início, também o seu defensor político. Os antepassados masculinos de Goethe, oriundos de círculos artesãos, ascenderam pelo trabalho e desposaram mulheres pertencentes a antigas famílias de eruditos ou socialmente mais elevadas (BENJAMIN, 2009, p. 124).

O bisavô de Goethe exerceu o ofício de ferreiro, proporcionando condições melhores ao avô que foi alfaiate e proprietário de uma estalagem, o qual através de seu trabalho possibilitou a Johhan Caspar Goethe seu pai, boa educação, vindo este a ser advogado, galgando uma posição e título de Conselheiro Imperial. Com essa ascensão provida pela educação, desposou Katharina Elisabeth, filha do superintendente Texor, possibilitando assim sua incursão na elite e boa circulação entre as famílias de prestígio da cidade de Frankfurt am Main, Alemanha (BENAJMIN, 2009).

Essa referência cultural, aliada ao contexto de que o trabalho não apenas dignifica o homem, mas possibilita seu desenvolvimento e ascensão, está latente em sua formação e em seus escritos. Perceber-se-á, que o ideal de formação é estritamente interligado não só ao período que Goethe vive, mas está ligado a ele mesmo. Dedicou-se na leitura e compressão das dúvidas mais simples e elementares, ao intercurso na literatura clássica, vindo a aprender francês, inglês, latim, italiano, grego, alquimia e ciência, aulas de música, acesso à arte e cultura erudita, além de um acervo com mais de dois mil livros a sua disposição (MARANGON, 2020).

De fato, teve uma infância singular e privilegiada. Méritos de seu pai, que reconheceu no caminho da educação e uma boa formação, o propósito da vida humana. Pois é este legado deixado por sua família em essencial por seu pai, que é latente em Goethe, sendo a educação o caminho para o desenvolvimento de si, como possibilidade de construção de um cenário diferente da realidade que o cerca.

Esse movimento de transformação de si - e compreensão das questões da vida humana - o levarão a preocupar-se com a humanidade de seu tempo. A nobreza exercida por Goethe não estava em sua hereditariedade ou em seu “sangue”, mas em sua atitude e na de seus pares, em movimentar-se para uma produção intelectual, que proporcionasse uma formação cultural e uma formação humana para a sociedade de seu tempo. Isso é evidenciado no seguinte relato de Walter Benjamin:

[..] delinea-se claramente o círculo cultural dentro do qual nasceu a produção literária do jovem Goethe. Goethe e Klinger, oriundos de Frankfurt, Bürger e

Leisewitz da Alemanha Central, Voss e Claudius de Holstein, Lenz da Livônia; Goethe como patrício, Claudius como burguês, Holtei, Schubart e Lenz, filhos de professores e pastores, o pintor Müller, Klinger e Schiller, filhos de pequeno-burgueses, Voss, neto de um servo da gleba e, por fim, condes como Christian e Fritz von Stolber - todos eles atuaram juntos para introduzir na Alemanha a concepção do "novo" por caminhos ideológicos. Contudo, a debilidade fatal desse movimento revolucionário especificamente alemão não permitiu que ele se conciliasse com as primeiras palavras de ordem da emancipação burguesa, ou seja, do Esclarecimento. A massa burguesa, os "esclarecidos" pela filosofia das Luzes permaneciam irremediavelmente divorciados de sua vanguarda. Os revolucionários alemães não eram esclarecidos, os ilustrados alemães não eram revolucionários (BEJAMIN, 2009, p. 124-125).

Percebe-se que são frutos do seu tempo, buscando contribuir com suas ideias para a formação do povo germânico e da burguesia emergente. A partir desse intento, surge um movimento cultural chamado de *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), uma agremiação poética, literária e teatral, que ocorreu no séc. XVIII entre os anos de 1760 a 1780. Trava-se de uma resistência intelectual ao racionalismo exacerbado que o Iluminismo, em seu apogeu, havia alcançado, mas também uma tentativa de resgatar e efetivar um “teatro nacional”, que no final do séc. XVIII, precisamente até meados dos anos 1770, era composta de apenas duas estruturas teatrais no território do Sacro Império Romano Germânico, a saber: o teatro da corte real e o teatro dos comediantes itinerantes. Porém não havia uma manifestação artística e estética que pudesse levar aos espectadores a uma reflexão, uma formação cultural e humana diversa (WILSON, 2020).

Uma das primeiras tentativas foi em 1767 na cidade de Hamburgo, com a ajuda de alguns burgueses “esclarecidos”, oportunidade em que se destacou Friedrich Ludwig Schröder (1744-1816), o qual mostrou seu talento como um exímio artista, ator, intérprete e diretor. Embora o patrocínio pela burguesia tenha durado cerca de um ano, Schröder continuou a se apresentar e dirigir peças teatrais de Shakespeare e peças alemãs, representado com maestria os atributos estilísticos e toda a dramaturgia que um teatro pode reverberar em seu intuito de formação cultural.

Surge com Schröder a primeira ideia de um teatro nacional, que não parou com ele, nem em Hamburgo (BEJAMIN, 2009). Em 1779, pela iniciativa de Dalberg Iffland, Beck e Friedrich Schiller, surge uma representação teatral fixa, na cidade de Munique. Em 1786, é inaugurado o teatro de Berlim. E em 1791 surge o teatro de Weimar, no qual Goethe foi seu diretor durante alguns anos (GOETHE, 2009).

Todo esse movimento “herculano” para trazer notoriedade ao teatro nacional era necessário, pois, ainda não havia uma identidade nacional, uma característica inerente ao

povo alemão. Segundo o próprio Goethe, o povo germânico carecia de cultura: “[...] é lamentável que tenha que atuar, ao lado de nozes ocas, e para nozes ocas” (GOETHE, 2009, p 179). Não bastasse a falta de acesso à cultura, havia outro entrave, já havia algumas vertentes artísticas e culturais na época sendo seguidas como a da cultura inglesa e francesa. Assim Goethe relata em sua obra magna:

[...] lamentava, porém, que o príncipe mostrasse uma inclinação exclusiva pelo teatro francês, enquanto uma parte de sua gente, ao contrário, entre os quais se distinguia Jarno, tinha uma predileção pelos monstros da cena inglesa (GOETHE, 2009, p. 180).

Nesta passagem, é evidenciada a influência do classicismo francês na formação cultural do povo alemão. O próprio Rei Frederico II (1712-1786) valorizava o requinte e a arte francesa, em detrimento da cultura germânica. Nem mesmo o teatro inglês lhe era interessante, achava uma aberração, dado a “anormalidade” das paixões e meandros da vida humana expressados por Shakespeare. Além de influenciar a cultura e a erudição, o classicismo francês estava ganhando notoriedade na Alemanha, na arquitetura, na concepção de valores humanos e principalmente em uma idealização estética, tendo como referência a antiguidade clássica grega (GOETHE, 2009).

É nesse contexto que a vontade de alguns pensadores converge para a construção de um movimento intelectual que realmente impactasse o povo alemão, provocando-os para uma vida mais reflexiva, de acesso a uma cultura estética formativa, que por sua vez, pudesse erigir a valorização da cultura nacional. Nesse contexto se desenvolve o movimento *Tempestade e Ímpeto*:

[...]era marcado por combater a influência francesa na cultura alemã. Seus seguidores resgataram a poesia da Bíblia, de Homero e do folclore nacional, deixando de lado o preciosismo da métrica da poesia francesa. Opondo-se ao Classicismo, a essência do movimento consistiu na criação baseada no impulso irracional, característica comum às estéticas românticas (PUC/RS, 2009, p. 1).

Tal movimento, valorizava a sensibilidade humana em sua essência, na música, na poesia e no teatro. As representações evidenciavam as mais vívidas paixões e sentimentos humanos, desde o ódio mais temerário ao amor incondicional, da vingança fria ao perdão pela compaixão. Entre os principais influenciadores desse intento em resgatar uma identidade própria do povo alemão estão, Johann Gottfried Herder (1744-1803), Friedrich Schiller (1759-1805), Friedrich Maximilian Klinger (1752-1831) e claro, nosso estimado Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). A contribuição destes

pensadores para com a formação cultural de seu tempo, teve um impacto importantíssimo na formação do povo germânico, e da humanidade. Surge com eles o romantismo alemão, e como fruto deste, a obra objeto desta pesquisa.

3.1 A formação pessoal de Goethe na construção da obra

O livro *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* foi publicado em 1796. E para ser mais exato, começou a ser escrito por volta de 1777. Em sua fase inicial, a obra tinha outro título: *A missão teatral de Wilhelm Meister*. Nesse primeiro momento Goethe apresenta fortes traços do teatro como uma possibilidade de formação, em que a dramaturgia é predominante: “Na verdade, o teatro significa aqui a libertação de uma alma poética da indigente e prosaica estreiteza do mundo burguês” (LUCAKS, 2009, p. 582). Desde o início, o intento de Goethe na obra é demonstrar a possibilidade de formação do sujeito através de uma concepção de *Bildung*, e nesse primeiro momento, o teatro seria o melhor caminho para levar o sujeito, enquanto leitor, a compreender sua condição humana e discernir melhor a realidade que o cerca, para assim ajudá-lo a entender melhor sua própria vida. Como veremos mais adiante, as experiências de nossa vida cotidiana fazem parte de nosso processo/percurso formativo, e com Goethe não foi diferente.

No decorrer dos anos, com seus trabalhos e ofícios, sua concepção de formação humana a partir da *Bildung* foi ganhando força. De modo geral a obra foi um grande sucesso, sendo que a repercussão foi tamanha ao ponto de Carlos Augusto, Grão-Duque de Weimar (1757-1828), ao conhece-lo, por volta de 1776, não permitiu que Goethe se afastasse dele, convidando-o para um passeio, mudando o itinerário de sua carruagem em direção ao seu ducado em Weimar para apresentar a belíssima região ao seu novo e particular amigo (MARANGON, 2020). Goethe maravilhou-se de tal maneira que a amizade entre ambos durou todo o percurso de suas vidas.

Ao passo que iam se conhecendo e estreitando seus pensamentos, concepções filosóficas e humanísticas, formas de perceber a política e a necessidade de uma administração com uma visão a longo prazo, possibilitou ao nosso pensador a oportunidade de ser conselheiro de Estado, em Weimar (província na qual viveu até o fim de sua vida). A consideração e estima era real, tal qual para com irmãos, que o próprio Grão-Duque Carlos Augusto redigiu uma carta a fim de acalmar o ânimo da corte, da

aristocracia e como uma resposta indireta a alguns integrantes do movimento *Pensamento e Ímpeto*, que estavam ofendidos e, podemos dizer, com certo ressentimento com Goethe por ele se afastar do movimento que ajudara a criar em Estrasburgo (MARANGON, 2020). Vejamos o que disse o então Grão-Duque de Weimar:

As pessoas com discernimento dão-me os parabéns por ter este homem comigo. O seu intelecto, o seu gênio, são bem conhecidos. Não me importo se o resto do mundo se sente ofendido por ter tornado o Dr. Goethe membro do meu *collegium* mais importante sem que ele tenha passado pelas posições de professor oficial menor e conselheiro de estado. Muitos não viram de imediato os benefícios desta nomeação. Com Goethe, o espírito *Sturm und Drang* chegou a Weimar, e as tradições rígidas da pequena corte desapareceram para dar lugar a uma revolução de exuberância jovem (ULICH, 1961, p. 193).

Ao acompanhar e estar sob a “tutela” do Grão-Duque, Goethe ascendeu a aristocracia, teve apoio para as produções e publicações literárias na Alemanha, o que por sua vez, possibilitou o intercuro em novos caminhos, novos conhecimentos e novas experiências.

Em 1786, viajou para a Itália, sendo este um anseio desde sua juventude, retomado somente em 1788. Durante sua viagem exploratória no país, percebeu que o povo italiano era superior culturalmente, valorizavam a arte mais do que os outros povos que se dedicavam ao exercício da arte, não se contentando com o aprendizado pela tradição, mas buscando desenvolver habilmente seus trabalhos, ao ponto de exercer uma certa filosofia sobre suas atividades, pensando sobre aquilo que estavam a criar e provocando no outro certa reflexão. Deixavam claro, que estavam cientes das razões que os levam aos seus atos criativos (GOETHE, 2009).

Nesse mesmo período de viagens cosmopolitas, conhece Johanna Cristiane Sophie Vulpius (1765-1816) com quem teve o primeiro filho em 1789 e posteriormente se casou em 1807. Em 1790 foi convidado para assumir o Ministério da Educação e da Cultura de Weimar, que por conseguinte o levou a ser diretor do teatro da cidade, fato que já fora mencionado anteriormente. Mas agora evidencia-se que Goethe fazia jus a tal ocupação. Em 1792 foi convocado pelo Grão-Duque Carlos Augusto a lutar na Guerra da Batalha de Valmy. Esta campanha foi um massacre para os alemães, pois as forças francesas os derrotaram deixando profundas marcas no pensamento sobre a concepção e real sentido da guerra. Ainda, da imprescindível necessidade de haver um processo de formação humana, capaz de melhorar a compreensão de humanidade das pessoas (MARANGON, 2020).

Ao retornar da Guerra, Goethe recebe uma carta de sua mãe o informado sobre a morte de seu tio, que era Magistrado em Frankfurt, e que possivelmente seria indicado

como conselheiro de estado na referida cidade. Porém, Goethe recusa tal possibilidade. Marangon em seu livro *Goethe e a formação humana* afirma:

[...] ele havia renegado sua condição burguesa! Goethe tornara-se um sujeito deslocado das disputas internas entre burgueses e aristocratas. Ele não queria nenhum dos lados, ao mesmo tempo em que quer ser e ter o melhor de ambos os lados, para fazer o que buscava desde pequeno: produzir algo grande para a humanidade (MARANGON, 2020, p. 26).

Fica evidente que Goethe, embora exercesse cargos de governo e de responsabilidade política em alguns momentos de sua trajetória, não desejava atuar como “jogador” no tabuleiro do xadrez da política. Isto é, participar do governo, intermediar discussões entre grupos cujo ideal é divergente, tão pouco administrar sob um viés que beneficiasse apenas um dos lados, ele acreditava que a democracia era a melhor forma de governo. Para tanto, o povo e os governantes deveriam ser preparados para tal exercício. Nisso Goethe vislumbrava seu sonho em ser reconhecido como pensador alemão, podendo assim contribuir muito mais com seu povo na literatura do que ao exercer um cargo político.

A partir dessa negação, ele dedica-se na conclusão de sua obra magna *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Goethe publica o último volume do livro no final de agosto de 1796, ele sabia que possivelmente a obra não teria o mesmo impacto de seu “best-seller” *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), mas tinha certeza de que *Os anos de aprendizado*, obra que idealizou ainda em sua juventude e dedicou a escrever por quase dez anos, provocaria grandes discussões e, que seu alcance, enquanto possibilidade formativa, não estava limitada a sociedade de seu tempo (MARANGON, 2020).

3.2 Uma compreensão geral da obra

A obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1796) foi o primeiro e o maior *Bildungsroman* de Johann Wolfgang von Goethe. Os romances de formação, tem a finalidade de levar o leitor a se identificar com os personagens e com isso refletir sobre si mesmo, suas ações, sua vida e sobre a sociedade de seu tempo. Sendo essa a real intenção de nosso autor, foi nessa obra em especial que Goethe conseguiu transpor a temporalidade sobre os temas de cunho social e humanístico.

A concepção de *Bildungsroman* não foi idealizada por Goethe, embora ele seja considerado o autor inaugural desse gênero literário. O termo aparece pela primeira vez por meio de Karl Morgenstern, professor de filologia clássica em meados de 1810, em uma palestra na Universidade de Dorpat (MASS, 2000). Na ocasião ele apresentou a primeira noção conceitual sobre o assunto:

A definição inaugural do *Bildungsroman* por Morgenstern entende sob o termo aquela forma de romance que "representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar um determinado grau de perfectibilidade". Uma tal representação deverá promover também "a formação do leitor, de uma maneira mais ampla do que qualquer outro tipo de romance" (MASS, 2000, p. 19, grifo do autor).

Johann Karl Simon Morgenstern (1770-1852) foi um filólogo alemão que ocupou a cadeira de retórica, filologia clássica, estética e história da arte e literatura na Universidade de Dorpat, sendo o primeiro diretor de sua biblioteca. Ele partilhava do movimento iluminista alemão, cuja ideia era poder esclarecer a sociedade de seu tempo, em especial a burguesia emergente, dando-lhes a possibilidade de acessar um conhecimento mais erudito, provocando nos amantes do saber, uma reflexão e compreensão mais aguçada da vida em direção a um saber universal (MASS, 2000).

Nessa intensa dedicação à literatura, como um caminho para o esclarecimento do povo alemão e da própria burguesia, Karl identificou a concepção de um gênero literário capaz de provocar no leitor um movimento de introspeção e reflexão sobre si, sobre as possibilidades de transcender a realidade em que se encontra, mediante um processo formativo que deve ser trabalhado durante toda a vida do sujeito. Chamando-o de *Bildungsroman* ou romances de formação:

Morgenstern, o criador do termo *Bildungsroman*, associa-o ao romance de Goethe *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795-1796), criando assim o que a historiografia literária reconheceria como o paradigma do gênero (MASS, 2000, p. 20).

Nessa perspectiva, nossa obra magna apresenta questionamentos sobre as possibilidades que um jovem burguês, a saber, Wilhelm Meister, tem para sua formação e concomitante aperfeiçoamento de si, em comparação à formação alcançada por um nobre. O personagem tem diante de si um direcionamento por sua classe e acesso à cultura, ao conhecimento e já possui uma posição política e social a ocupar (GOETHE, 2009). Na contramão, encontra-se a burguesia emergente pós revolução francesa, inglesa

e industrial em um ambiente de crescimento econômico provocado pela industrialização, buscando conquistar espaço social e político.

É assim que a ideia de um *Bildungsroman*, de uma forma literária que correspondesse aos anseios tanto do indivíduo quanto de sua classe como um todo, precede a fortuna crítica do gênero, historicizando-o e atrelando-o às circunstâncias bastante específicas da constituição do mundo burguês (MASS, 2000, p. 21).

Dado esse contexto, o caminho possível para a realização de uma ascensão intelectual - e justa conquista de um espaço social com capacidades deliberativas -, seja politicamente, juridicamente, na administração pública ou privada, seria possibilitada por intermédio da *Bildung*, como uma possível educação formativa universal, sendo esse o intento de Goethe na obra.

Tal dilema fica claro na carta do personagem Meister para o personagem Werner, na qual, o jovem define um idealismo burguês a ser alcançado por aqueles que almejam saber mais que a educação tradicional pode oferecer, uma busca por entender o mundo como ele é, o intento por uma formação universal que leve o sujeito a conhecer suas potencialidades, contribuindo socialmente com aquilo que ele é hábil a desenvolver, ocupando seu ofício com maestria e administrando suas posses de tal modo que possa oportunizar o desenvolvimento dos pares, e daqueles que têm a capacidade de criar e produzir benefícios para a sociedade de seu tempo (MASS, 2000).

Nos resta diante disso questionar: como ocorre o processo formativo na vida de Wilhelm Meister e como a *Bildung* influenciará sua percepção existencial? No decorrer de sua trajetória ele continuará sonhando, vivendo em seu mundo imaginário, ou reconhecerá a partir das experiências que a realidade do mundo é diferente que a vida prática é distinta da teórica? É o que pretendemos discorrer a partir de agora.

4 O EXERCÍCIO DA *BILDUNG* NO ENREDO DA OBRA

A obra traz a história de Wilhelm Meister, filho da burguesia ascendente alemã. No enredo, o jovem Meister busca instruir-se, construir-se como ele é: “Para dizer-te em uma palavra: instruir-me a mim mesmo, tal como sou, tem sido obscuramente meu desejo e minha intensão, desde a infância” (GOETHE, 2009, p. 284). Sendo filho de comerciantes burgueses, Wilhelm gosta do teatro e pensa ser essa sua vocação - pois na adolescência havia ganhado de presente um teatro de marionetes, brinquedo que lhe

ocupou grande parte de seu tempo, culminado na apresentação e representação de peças teatrais para a família e serviços.

4.1 Uma romantização do teatro

Seu pai, o Sr. Meister não o incentivava, tinha o desejo que ele se ocupasse dos negócios da família, sendo ele um comerciante burguês em ascendência. Mas Wilhelm, sonha em ser ator de teatro. Afirma que duas musas o cortejam, a musa do comércio e a musa do teatro,

Meu espírito orientava-se de vez para o teatro, e eu não encontrava a alegria maior que ler, escrever e representar peças de teatro. Prosseguia os estudos com meus professores; haviam-me destinado ao comércio e pensavam em me colocar no balcão da casa comercial de nosso vizinho; mas, justamente por aquela época, afastava-se meu espírito com impetuosidade de tudo aquilo que eu considerava como uma ocupação inferior. Queria dedicar ao palco toda minha atividade, nele encontrar toda minha felicidade e satisfação. Ainda me recordo de um poema, que deve estar entre meus papéis, no qual a Musa da tragédia e outra figura de mulher, em que eu personificara o Comércio, disputavam renitentemente minha valiosa pessoa (GOETHE, 2009, p. 48).

Meister, tem uma visão romântica do teatro, como nós ao idealizar um sonho, projeto e aspiração, sem antes vivê-lo, temos apenas a ideia do que será, magnífico e suntuoso, mas a realidade vindoura, pode ser assertiva ou negativa: quem pode garantir o amanhã?

Wilhelm tinha cerca de 20 anos de idade quando a história é iniciada. Sua namorada Mariene, era atriz de teatro, mas não via o mundo das artes cênicas como o jovem Meister. Ele via no teatro o seu futuro e a possibilidade de ser um ator de sucesso, ao cogitar encenar grandes espetáculos, cuja interpretação seria magnífica em suas aspirações idealizava ser o precursor do Teatro Nacional:

Não tinha mais dúvida alguma de que fora destinado para o teatro; parecia-lhe mais próximo o nobre objetivo a que se propusera, contanto que procurasse alcançá-lo ao lado de Mariene, e com pretensiosa modéstia percebia nele o excelente ator, o criador de um futuro teatro nacional, pelo que tanto ouvira as pessoas suspirarem, tudo o que até então estava adormecido no recôndito mais íntimo de sua alma passou a ganhar ânimo. (GOETHE, 2009, p. 50).

Mariene não acreditava nisso, não via sentido em seu sonho, ela vivia a realidade do teatro e não conseguia vislumbrar a eficácia dos planos de seu afável namorado. Nem seu pai, o Sr. Meister, que pensava que o envolvimento com o teatro era perda de tempo

e dinheiro. Na tentativa de despertar o filho para os negócios da família, deseja que Wilhelm fizesse uma viagem de negócios, visitar clientes e prospectar novos negócios a fim de fazê-lo esquecer deste sonho de menino (MARANGON, 2020).

Embora almejasse ser um ator de sucesso, organizava apenas teatro de marionetes e fizera apresentações em casa para familiares e amigos. Pensava que ser ator é uma das melhores profissões por trazer uma variedade de perspectivas de acordo com as possíveis interpretações de cada peça, podendo encenar diferentes personagens e suas concepções. Percebe-se que ele era um jovem sonhador. Nesse intercurso Meister será abordado por um estranho na rua e conversaram sobre diversos assuntos, mas o mais interessante será sobre o destino. Vejamos a concepção do desconhecido:

Não se trata aqui do que creio, nem este é o lugar para lhe explicar como procuro tornar de certo modo concebíveis coisas que fogem à compreensão de todos nós; a questão aqui é saber qual o melhor modo de representação para nós. A trama deste mundo é tecida pela necessidade e pelo acaso; a razão do homem se situa entre os dois e sabe dominá-los; ela trata o necessário como a base de sua existência; sabe desviar, conduzir e aproveitar o acaso, e só enquanto se mantém firme e inquebrantável é que o homem merece ser chamado um deus na Terra, infeliz a aquele que, desde sua juventude, habituase a querer encontrar no necessário alguma coisa de arbitrário, a querer atribuir ao acaso uma espécie de razão, tornando-se mesmo uma religião e segui-lo! Que seria isto senão renunciar à própria razão e dar ampla margem a suas inclinações? Imaginamo-nos piedosos, enquanto avançamos, vagando sem refletir, deixando-nos determinar por contingências agradáveis, e acabamos por dar ao resultado de uma tal vida vacilante o nome de uma direção divina. (GOETHE, 2009, p. 82).

Todas as vezes que desconhecidos o abordam, é o pensamento de Goethe que está sendo desvelado. Os personagens que interagem com Wilhelm são porta-vozes da sua filosofia. Nesse diálogo entre o jovem Meister e o desconhecido, ocorre a primeira grande provocação de Goethe sobre a possibilidade de domínio de nossa vida em detrimento do destino. Nessa ótica é considerado que a vida humana é composta por dois elementos, os quais moldam a nossa existência: a necessidade de ter que fazer alguma coisa, por esta ou aquela razão, e o acaso, aquilo que foge do nosso controle. Mover-se por si mesmo ou pela tutela de outrem. É o destino que determina a trajetória de vida ou a arbitrariedade que impera de forma implacável. A razão humana atua sobre esses dois polos.

Para o nosso autor, infeliz é aquele que se subordina ao destino, não busca assenhorar-se de si e das circunstâncias que permeiam sua existência. A maioria das pessoas se deixam levar pelas circunstâncias e depois dizem que é a vontade de Deus. O que para Goethe é um ultraje é a negação de si e da própria humanidade. O próprio sentido

não apenas da vida, mas da própria formação reside na liberdade de poder construir-se e lapidar-se a partir do exercício deliberativo do sujeito.

Só me anima o homem que sabe o que é útil a ele e aos outros, e trabalha para limitar o arbitrário. Cada um tem a felicidade em suas mãos, assim como o artista tem a matéria bruta, com a qual ele há de modelar uma figura. Mas ocorre com essa arte como com todas: só a capacidade nos é inata; faz-se necessário, pois, aprendê-la e exercitá-la cuidadosamente (GOETHE, 2009, p. 83).

Para Goethe, a tomada de decisões de nossas vidas precisa ser motivada por saber porque se faz algo. Entender porque fazemos o que fazemos, do jeito que fazemos. Viver acreditando que somos destinados, ou movidos pelas circunstâncias que permeiam nossa vida diária, não é uma opção digna de orientar e construir a vida.

Sendo essa temática o ponto chave na formação humana a partir da *Bildung* “goethiana”, isto é, o sujeito deve ser senhor de si e de sua própria história. Fica claro que o desenvolvimento de uma percepção de protagonismo diante da vida, é o princípio para uma formação humana omnilateral, cuja amplitude perpassa pelo crivo da consciência das ações sejam no ambiente privado ou público. Aquele que conhece melhor a si, entende e aceita suas limitações a fim de trabalhá-las, evoluindo por suas lacunas, sempre tendo como parâmetro o melhor da sociedade. Nessa perspectiva, o esclarecimento e assenhramento de si torna-se real no percurso formativo do sujeito, quando ele valoriza o outro, relacionando-se socialmente em oposição ao individualismo e ao egocentrismo. Sendo a consciência, apropriação e valorização das relações interpessoais a base de uma formação humana.

Retornando ao contexto da obra, Wilhelm descobre que sua amada Mariene, conversava com outro homem, levando-o a supor que ela já havia se deitado com ele. Trata-se de Norbert, um burguês comerciante que a sustentava, o que a tornava amante dele. Goethe faz um recorte dos assuntos matrimoniais e das relações de subordinação das mulheres do sec. XVIII. Nesse período, as mulheres não tinham liberdade, direitos e dificilmente conseguiam se sustentar sem a tutela de um homem ou amante.

4.2 Da inocência a realidade: compreendendo o mundo como ele é

Ao saber que Mariene tinha outro homem, Meister tem uma grande decepção. Sofre um impacto de realidade. É golpeado com a amargura da traição, embriaga-se na

taça do ciúme. Sua frustração é tamanha que desiste do teatro, não sabia se amava Mariene pelo teatro ou por puro afeto. Não vai mais visitar sua amada e acaba por abandonar o teatro temporariamente. Joga fora as cartas e poemas que havia escrito para Mariene dizendo a Werner seu amigo, “Estou dando prova de que levo a sério minha renúncia a um ofício para o qual eu não nasci” (GOETHE, 2009, p. 91), referenciando-se ao teatro. Após esse incidente, dedica-se às funções comerciais, certo de que o “destino” lhe havia preparado tal situação a fim de ensiná-lo o caminho que deveria trilhar.

O ponto chave dessa situação é o sentimento de inocência que é quebrado, rompe-se o cordão umbilical da ingenuidade, ao conseguir entender uma verdade que estava tentando esconder mediante os sentimentos e emoções. A que ele havia nascido para ser ator de teatro:

Porque, com certeza, em todos os homens move-se um certo desejo vago de imitar aquilo que vê; mas esse desejo não prova de modo algum que resida também em nós a força capaz de levar a bom termo aquilo que empreendemos (GOETHE, 2009, p. 92).

Goethe é sagaz ao dizer que está no ser humano o desejo de ser alguém ou assumir um papel, um ofício, mesmo sem ter a certeza de sucesso e concretude na intenção sonhadora. O sujeito não esclarecido almeja viver o resultado, sem ter a certeza do preparo, das competências e do empenho necessário. Perceba que a referência é a pessoa que sonha estar e ocupar a posição e até mesmo a realização, sem antes se preocupar com o processo e percurso que possibilitam o seu efetivo desenvolvimento. Pessoas as quais, como vimos em Kant (1985), vivem em sua minoridade intelectual. O choque de realidade vivenciado por Wilhelm o fizera repensar sobre o seu real talento e predestinação ao teatro. Seus sonhos estavam alicerçados no relacionamento que tinha com Mariene, sendo que após o litígio entre eles, seu anseio pela vida teatral desvanece tal qual um nevoeiro que se dissipa a luz do sol.

Dado esse esclarecimento, sobre suas reais intenções em referência ao teatro, ele acaba por ir na viagem que seu pai havia solicitado, a fim de obter uma visão comercial. No intercurso dessa viagem de negócios terá várias experiências e conhecerá muitas pessoas, ao mesmo tempo que passará por situações inusitadas e por vezes perigosas e cômicas, que farão com que Wilhelm desperte um novo olhar para si e para o mundo. É válido salientar que esse olhar distinto, na atualidade é papel da escola, sendo um contraponto social, a qual traz a possibilidade de quebrar a sequência equivocada dos indivíduos de seu solipsismo, levando-os a perceber a necessidade de uma formação

humana e universal. Este é um papel importante da educação, ser espaço de novas e diferentes experiências, rompendo com o individualismo. Meister teve a viagem como um instrumento formativo, a sociedade atual tem a escola como um caminho possível para tal intento.

Ao visitar um povoado rural, decide ali se estabelecer alguns dias, a fim de descansar e poder reestabelecer o vigor de seu cavalo, dado que estavam a vários dias na estrada. Nessa cidadela ele conhece uma trupe de saltimbancos, onde fará amizade com Philine, Laertes e voltará a se encontrar com o casal Melina (e posteriormente nesse mesmo povoado, conhecerá a pequena Mignon, uma personagem intrigante na obra). Perceba que Meister se depara mais uma vez com o teatro, e nesta feita, não é ele que o procura, mas o acaso lhe proporciona esse encontro.

Seria possível dizer que novamente o teatro parecia estar de volta no caminho de Wilhelm, contudo, não era mais o mesmo Wilhelm que olhava para o teatro, agora, era um Wilhelm crítico; o que não faz com que ele menospreze o teatro. Ao contrário, é nesta fase que Wilhelm em diálogo com seus novos amigos e, calejado por novas experiências, vai conseguir – como personagem – transmitir o primeiro movimento do projeto formativo de Goethe (MARANGON, 2020, p. 63).

Tal movimento perpassa pela compreensão de Wilhelm, que manifesta o pensamento de Goethe sobre a importância do teatro como um meio de formação para todas as classes, cujas encenações e interpretações pudessem provocar reflexões sobre temas relevantes como ética, política, virtude, coragem entre outros temas os quais são importantes para todos os homens (GOETHE, 2009). Nesse período o teatro germânico estava alicerçado em apresentações cômicas e pitorescas, imitações por vezes banais do ser humano e de situações, cuja finalidade era apenas entreter o público. Sendo que o anseio de Goethe, nas palavras do jovem Wilhelm eram:

[...] se fosse possível transmitir à multidão a simpatia por tudo que é humano; se fosse possível inflamar, agitar e imprimir um movimento livre, vivo e puro a seu ser interior paralisado, através da representação da aventura e desventura, da sabedoria e estultice, e mesmo do disparate e da estupidez! (GOETHE, 2009, p. 114).

É perceptível a mudança da compreensão do jovem Wilhelm em relação a importância e objetivo do teatro. Tal mudança está alicerçada nos problemas que ele enfrentou ao longo de sua vida até o presente momento, entre as aventuras do teatro de marionetes vividos em sua adolescência, os devaneios nos momentos do fulgor da paixão

pela Mariene, até as desventuras, desgostos e situações que fizeram ele repensar a vida e seus próprios anseios. Nesse sentido Goethe, busca desenvolver uma formação a partir da experiência do próprio indivíduo, que ele possa a partir desse movimento *a posteriori* desenvolver a autoformação mediante a autorreflexão. Assim perpassando pelo processo de compreensão dos acertos e desacertos a uma compreensão de si mesmo e uma visão crítica da própria vida a partir da *Bildung* (MARANGON, 2020).

Retornando a obra, o que se sobressai nesse momento da história é um novo diálogo com um desconhecido. Nesta feita, um Pároco, que o indaga sobre o destino e talento. A conversa acontece com o clérigo em um passeio náutico com alguns dos novos conhecidos citados anteriormente. Na ocasião, estavam a representar uma peça teatral durante a viagem na qual cada passageiro, encenava um personagem. Após o fim da viagem, Wilhelm e o Pároco passam a conversar sobre o talento que cada um possui, conforme o nosso jovem discorre:

Ora, replicou Wilhelm, uma feliz disposição natural, na qualidade de princípio e fim, não haveria de conduzir a tão elevado objetivo não só um ator, mas qualquer artista, ou mesmo qualquer ser humano? (GOETHE, 2009, p. 127).

Meister está a defender a existência de uma disposição natural a todos os homens, a qual nortearia seu próprio desenvolvimento. Sendo que a ideia de início e fim, está relacionada à dimensão do “propósito” natural, no qual o sujeito estaria engendrado. Logo, é possível afirmar que somente a experiência pode confirmar, melhorar e potencializar uma disposição natural, sendo entendida como uma habilidade, uma facilidade em desempenhar algo com maestria e excelência, a qual de algum modo beneficia a sociedade. Isso se reforça quando ele conhece a aristocracia, pois, os aristocratas ao usufruir de uma formação omnilateral conseguem encontrar melhor o seu caminho e se encaminhar mais facilmente. Nisso o eclesiástico responde:

Poderia ser e continuar sendo o princípio e o fim, o primeiro e o último; mas entre um e outro ficam faltando ao ator muitas coisas, quando a educação não faz dele o que ele deveria ser, e, para ser mais preciso, uma educação precoce, porque talvez seja pior para a quele a quem se atribui gênio que a um outro que só possui aptidões corriqueiras, pois aquele pode degenerar-se mais facilmente e ser impelido para o mau caminho com mais impetuosidade que este. (GOETHE, 2009, p. 127).

Como resposta Wilhelm, defende a ideia de que o gênio pode errar diversas vezes, até encontrar sua aptidão natural pelo fato de sua genialidade o auxiliar a se recuperar

depois. No que o clérigo responde, apresentando uma teoria interessante no pensamento de Goethe, sobre as primeiras impressões e ambiente sociocultural no qual o sujeito está inserido:

De jeito nenhum — respondeu o outro — ou, quando muito, de maneira insuficiente, pois que ninguém creia poder sobrepujar as primeiras impressões da juventude. Se cresceu numa liberdade digna de louvor, cercado de belos e nobres objetos, convivendo com homens bons; se seus mestres lhe ensinaram o que primeiro devia saber, para compreender mais facilmente o resto; se aprendeu aquilo que nunca precisará desaprender e se seus primeiros atos foram dirigidos de modo a poder no futuro praticar mais fácil e comodamente o bem, sem ser obrigado a desacostumar-se do que quer que seja, então esse homem haverá de levar uma vida mais pura, mais perfeita e mais feliz que um outro que houvesse dissipado na resistência e no erro suas primeiras forças da juventude. Fala-se e escreve-se muito sobre educação, mas não vejo senão uma pequena parcela de homens capazes de compreender e levar a cabo o simples, porém grande conceito que encerra em si todos os demais. (GOETHE, 2009, p. 127).

Nessa passagem Goethe, busca apresentar a necessidade da educação desde e o início da vida, sendo ela o lastro do processo formativo do sujeito. Por este olhar de nosso pensador, fica manifesto que o ensino é parte inerente do desenvolvimento e crescimento do ser humano. Porém, nesse período da obra o jovem Wilhelm ainda acredita que o destino é o que direciona o sujeito para uma formação ideal. O clérigo replica ao afirmar que o destino pode até ensinar, contribuir de algum modo com a formação do indivíduo, mas a assertividade da formação ficará ao léu da boa sorte, sendo que o desenvolvimento do sujeito residirá no campo das probabilidades e não das possibilidades. Quando ocorre um direcionamento desde a tenra idade a possibilidade do desenvolvimento de possíveis aptidões naturais torna-se plausível. Desse contexto surge uma ideia importante na filosofia de Goethe. É preciso acertar a vida cedo, não desperdiçar a vida, o tempo é precioso (GOETHE, 2009).

O assunto da *educabilidade* ganha notoriedade, a formação do indivíduo perpassa pela necessidade de haver uma tutela um direcionamento de alguém maduro, ou até mesmo uma estrutura de ensino que possua compreensão da importância do direcionamento, mas primordialmente com uma educação **omnilateral e omnicompreensiva** (MARANGON, 2020). Esse prelúdio do pensamento de Goethe, sobre a necessidade da educação como força motriz para o desenvolvimento de possíveis habilidades, contraria o pensamento do senso comum de que o destino se ocuparia de manifestar aquilo que seria natural ao próprio indivíduo. Quando na verdade é no exercício da educação, perpassando pela práxis da *Bildung*, que o sujeito passa a aprender

sobre si e sobre o ambiente que o cerca, bem como a própria experiência de vida demonstrará o desabrochar de possíveis habilidades intrínsecas ao sujeito, as quais ele mesmo precisa perceber entender e se apropriar!

4.3 Wilhelm vive um sonho

Retomando ao contexto da obra *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*. Após o enredo citado anteriormente, inicia uma fase de experiência concreta, em que nosso jovem herói finalmente se apresentará ao grande público. O Sr. Melina, um jovem que Meister livrou de uma condenação atroz no início de sua viagem comercial, propõem a Wilhelm um empréstimo para comprar as posses, ninharias e assumir a trupe de saltimbancos que conheceram no vilarejo, a fim de eles mesmos formarem um grupo de teatro. E assim se sucedeu, nosso protagonista empresta certa quantia em dinheiro ao Sr. Melina:

[...] já havia tomado posse do guarda-roupa com todos os seus pertences; alguns membros do conselho municipal lhe prometeram em seguida a autorização para aturar durante algum tempo naquele povoado[...] Felicitava-se por poder doravante ocupar e empregar por certo período seus amigos que, até então, estiveram apurados e ociosos, ao mesmo tempo lamentava-se, decerto, por não ter a princípio condições de remunerar de acordo com suas capacidades e talentos os excelentes sujeitos que a sorte lhe enviara, porque, antes de mais nada, teria que quitar sua dívida com seu amigo tão generoso quanto Wilhelm mostrou ser. Não posso expressar-lhe disse Melina, a grande prova de amizade que o senhor demonstrou, permitindo-me conseguir a direção de um teatro. Pois da primeira vez em que nos vimos, eu me encontrava em uma situação bastante insólita (GOETHE, 2009, p. 153).

Após tornar-se diretor do grupo, o Sr. Melina passará a organizar o enredo com a ajuda de Wilhelm e projetar as apresentações: “só faltava agora redigir na devida forma as condições, Melina já estava pensando na peça com a qual iria atrair o público, quando chegou uma carta anunciando ao estribeiro a chegada de seus patrões [...]” (GOETHE, 2009, p. 154). Os novos visitantes são o Conde e a Condessa, que ao chegarem, já se familiarizaram com a trupe: “se fossem franceses, disse a sua esposa, poderíamos proporcionar um regalo inesperado ao príncipe, oferecendo-lhe sua diversão” (GOETHE, 2009, p. 155). Tal fala é da condessa e nela percebe-se o menosprezo pela cultura teatral germânica, e uma supervalorização da arte “francólica”.

Mas o que se sucede é uma excelente tratativa, a qual culmina no convite do Conde para que a trupe, sob a orientação do Barão, possa organizar algumas apresentações para o príncipe que estaria em breve no castelo do Conde.

Com tão vantajoso contrato, Melina esperava poder pagar sua dívida, pelo menos parte dela, e nosso amigo, que visava ao conhecimento da natureza humana, não queria perder a oportunidade de conhecer mais de perto o grande mundo, no qual esperava adquirir muitas informações a respeito da vida, da arte e de si mesmo. (GOETHE, 2009, p. 159).

Embora não fosse integrante da trupe, Wilhelm viajará junto com o grupo para o castelo do Conde. Lá conhecerá de perto a alta classe germânica, percebe as nuances das relações e preocupações da nobreza, fica vislumbrado com a forma de conversarem, portarem-se, principalmente às fortes percepções que tinha acerca dos mais variados assuntos. Mas a relevância desse momento vivenciado pelo jovem Meister, está alicerçado em sua compreensão sobre o “destino” traçado já no nascimento dos que pertencem à nobreza. Para nosso protagonista parece que eles não têm que se preocupar com o futuro pois tudo parece estar encaminhado:

Três vezes felizes aqueles que, desde o nascimento, colocam-se acima das camadas inferiores da humanidade; que não precisam passar, nem mesmo como hóspede em trânsito, por situações que atormentam em grande parte a vida de tantos homens de bem! De tão alto ponto de vista, seu olhar há de ser geral e preciso, e fácil cada passo de sua vida! Desde o nascimento, são, por assim dizer, colocados a bordo de um navio para desfrutar de um vento favorável durante a travessia, que todos haveremos de empreender, e para esperar que cessem os ventos contrários; quanto aos outros, esfalfam-se em nadar, tirando pouco proveito do vento favorável, e soçobram na bonasca, consumidos em todas as suas forças. Que comodidade, que facilidade proporciona uma fortuna herdada, e com que segurança floresce um comércio fundado sobre um bom capital, a ponto de não se ver obrigado a encerrar sua atividade a cada tentativa malograda! Quem pode conhecer melhor o valor e o desvalor das coisas terrenas senão aquele que, desde criança, esteve em condições de fruí-las, e quem pode dirigir mais cedo seu espírito numo ao necessário, ao útil e ao verdadeiro senão aquele que deve compenetrar-se de tantos erros, numa idade em que ainda não lhe faltam forças para começar vida nova! (GOETHE, 2009, p. 160).

Goethe traz em consideração um problema vivenciado pela burguesia emergente de seu tempo, que não apenas outrora se fazia presente na mentalidade dos indoutos como atualmente é comum esse modo de pensar. Que os nascidos na nobreza, e os quem detém muito capital, são “destinados” ao sucesso e a realização de seus projetos. Obviamente que o contexto auxilia, direciona, e encaminha o sujeito a uma boa educação. O acesso à cultura e as mais variadas experiências que essas classes têm acesso contribui para o desenvolvimento do sujeito em certa medida. Outro fator preponderante é a “imposição”, de uma certa obrigatoriedade de prosseguir o legado da família ou que deve ocupar uma posição social. O que nosso filósofo está buscando demonstrar é que de fato a nobreza e

os que possuem grande capital, tem mais facilidade de ocupar e exercer sua função no corpo social, pois o ambiente em que estão inseridos exige isso.

Porém, a sagacidade empreendida por Goethe está em fazer com Wilhelm e o próprio leitor entenda que o local - e classe de nascimento - do sujeito não é um fim em si mesmo, como Wilhelm está a pensar, bem como, nem todos os que são nobres possuem de fato uma formação humana alicerçada na *Bildung*. A amalgama aqui é o fato de o indivíduo entender que o contexto socio cultural de seu nascimento é diretivo, e não determinante. As direções, por sua vez, dependerão da formação humana, da *educabilidade*, do próprio percurso formativo vivenciado pelo sujeito mediante a *Bildung*. Essa por sua vez, é o que garante um prelúdio da possibilidade de o sujeito encontrar-se em si mesmo, vindo a exercer e viver uma vida realizada, a partir da compreensão adquirida de suas experiências de vida, as quais se sustentam mediante a formação omnilateral e omnicompreensiva (MARANGON, 2020).

Voltando nossos olhos para o enredo da obra, ao saírem do pequeno vilarejo foram para o castelo do Conde, no qual tiveram uma recepção muito grosseira, devido terem pessoas mais importantes, pertencentes a nobreza sendo recepcionadas pelo anfitrião. Passado esse infortúnio passaram a organizar a primeira peça que iriam apresentar ao príncipe e sua comitiva. Na qual Wilhelm estava dedicando-se animosamente, mediante ela faria sua entrada no grande mundo, como ator e autor de peças teatrais (GOETHE, 2009).

Tens trabalhado até o momento — dizia-se a si mesmo — para ti em silêncio, só recebendo a aprovação de alguns poucos amigos; durante algum tempo puseste totalmente em dúvida teu talento e continuas ainda preocupado, querendo saber se estás no caminho certo e se tens tanto talento quanto inclinação para o teatro. Aos ouvidos de tão experimentados conhecedores, nos gabinetes onde não há lugar para nenhuma ilusão, a tentativa é muito mais perigosa que em qualquer outra parte, mas tampouco gostaria de ficar para trás, de deixar de vincular este prazer a minhas alegrias anteriores e fazer maior minha esperança no futuro. (GOETHE, 2009, p. 169).

Wilhelm sente o peso da responsabilidade que será atuar e conduzir a peça diante de um público tão exigente. Ao passo de questionar seu talento e predisposição para as artes cênicas. Embora tivesse por algum momento deixado de lado seu desejo febril de

outrora, vislumbra nessa oportunidade o tecer das Moiras³ sobre seu destino, e que nesse momento não pode falhar pois sua atuação decidirá sua sorte futura.

Nessa perspectiva, Goethe fulgura o pensamento latente em nosso jovem sonhador, de que as circunstâncias da vida provêm o necessário para satisfazer seus desejos, como aflorar aquilo que a natureza lhe impôs, ou seja, o talento de entreter e provocar a dissociação da realidade, conduzindo-os a uma experiência concreta do teatro, cuja intenção seria ensinar, formar e provocar a reflexão de si e de temas que de outro modo não seria possível.

Depois de todos os preparativos Mignon, a criança intrigante que Wilhelm conheceu no vilarejo e acabou por “adotá-la” como sua filha, o adverte a ficar longe dos palcos. Ele, porém, não deu atenção à advertência e prosseguiu na distribuição dos papéis bem como na escolha do seu.

O príncipe havia finalmente chegado; os generais, os oficiais do estado-maior e os demais membros da comitiva, que se apresentaram ao mesmo tempo, as muitas pessoas, que em parte vinham em visita, em parte a negócios, transformaram o castelo numa colmeia em período de enxamear. Todos se aglomeravam para ver o excelente príncipe, todos se admiravam com sua afabilidade e condescendência, e todos se assombravam de ver no herói e no comandante-chefe, ao mesmo tempo, o mais amável cortesão (GOETHE, 2009, p. 178).

É perceptível o ideal de nobreza vislumbrado por Goethe, bem como a subserviência gerada inconscientemente pelas pessoas ao conhecer e estar em um mesmo ambiente com líderes, chefes de estado e nesse caso com a realeza. Vale lembrar a diferença entre subserviência e humildade. Humilde é o conhecedor de suas limitações e que respeita o outro pelo *ser* e não pelo *ter*. O subserviente é vassalo, servo voluntário da vontade alheia. Depois da acolhida do príncipe e da comitiva que os acompanhava chegou o grande momento de apresentar-se ao grande público! E detalhe: o nobre cortês não sabia que no castelo também estava hospedada a trupe, tão pouco esperava uma apresentação...

[...] à noite, ao ser conduzido ao grande salão brilhantemente iluminado e decorado com tapeçarias do século anterior, ele não parecia contar com a apresentação de um espetáculo, e menos ainda com uma loa em sua homenagem. Tudo correu da melhor forma possível e, terminada a representação, a companhia houve por bem vir à frente e apresentar-se diante do príncipe, que soube indagar um por um da maneira mais atenciosa e dirigir-lhes algumas palavras do modo mais gentil. Na qualidade de autor, Wilhelm

³ As moiras (em grego: Μοῖραι), na mitologia grega, eram as três irmãs que determinavam o destino, tanto dos deuses, quanto dos seres humanos. Eram três mulheres lúgubres, responsáveis por fabricar, tecer e cortar aquilo que seria o fio da vida de todos os indivíduos.

distinguiu-se particularmente, recebendo também sua quota de aplausos (GOETHE, 2009, p. 178-179).

A apresentação foi um sucesso e Wilhelm ficou surpreso consigo mesmo, além de produzir e organizar o espetáculo, mostrou-se um exímio ator, reverberando em seus pensamentos os elogios que recebera após sua belíssima atuação. Embora passado alguns dias, foi como se nada tivesse acontecido para o jovem Meister aquele momento ficara gravado em sua memória. Além dele, Jarno também mantinha viva a memória daquela grande noite, afirmando que “é lamentável que tenhas que atuar ao lado de nozes ocas e para nozes ocas!” (GOETHE, 2009, p. 179). Aliás, Jarno é peça central na própria formação de Wilhelm como veremos mais adiante, tratava-se do conselheiro do Conde, exercendo funções diplomáticas e organizador da vida política de seu nobre.

As “nozes ocas” representavam os burgueses que, preocupados com a relação do parecer esqueciam-se do “ser”, de forma que, embora estivessem em ascensão financeira, para Goethe, pouco ou nada podia contribuir com a sociedade alemã da época (MARANGON, 2020, p. 67).

Naquele momento, nosso jovem não entendeu o real significado de atuar ao lado e para nozes ocas. Na verdade, é o próprio pensamento de Goethe sendo desvelado como respaldado acima. Sua crítica é clara: o povo germânico não estava preparado para ser formado a partir das obras teatrais, tão pouco para o exercício da resiliência provocado pela interpretação das artes cênicas. É possível denotar inclusive sua preocupação com a repercussão da própria obra *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, pois ela trata, de assuntos cruciais para o desenvolvimento humano e da formação humana a partir da *Bildung*.

Nos dias que se seguiram a trupe continuou a se apresentar, entreando os convivas todas as noites. Embora pairasse no ar a sensação de um sucesso imerecido, ousavam pensar que toda movimentação de pessoas no castelo, viajantes, nobres, negociantes e pessoas ligadas a corte, que ali se aglomeravam, vinham para prestigiá-los, tornando-os a atração e o centro daquela localidade. Mediante a isso “Wilhelm decorava diligentemente os papéis e declamava-os com calor e vivacidade, e com tanto decoro quanto lhe permitia o pouco de cultura que havia adquirido” (GOETHE, 2009, p. 179). E justamente por ser mais culto que seus pares, Melina, o dono da trupe, permitia que Wilhelm organizasse e planejasse todas as peças a seu bel-prazer (MARANGON, 2020).

Mais adiante, no decorrer da história, nosso Jovem baluarte do teatro local terá contato com as obras do poeta inglês William Shakespeare (1564-1616), sendo considerado um dos dramaturgos mais influentes de todos os tempos (BAUMGÄRTEL, 2011), por intermédio de Jarno, as quais provocaram nele sentimentos jamais imaginados. O detalhe interessante é que a primeira apresentação teatral de Shakespeare⁴ na Alemanha, ocorreu em 1775, como afirma o professor Dr. Stephan Arnulf Baumgärtel em seu livro *Corpo e performances: As You Like It de Shakespeare no século XX*.

A história da montagem da peça na Alemanha é bem diferente da britânica. Na Alemanha, a peça foi encenada pela primeira vez em 1775, em Biberach, pequena cidade do Sul do país, onde Johan Christoph Martin Wieland viveu e trabalhou. Ele foi o primeiro tradutor dos textos de Shakespeare para o alemão que não se contentou com uma simples narração da estória da peça. Sua amizade com o duque local tornou Biberach o lugar de várias estreias das peças de Shakespeare nos palcos alemães (BAUMGÄRTEL, 2011, p. 110).

O que coincide com a época em que a história se passa protagonizada por Wilhelm Meister. Ao ler as obras de Shakespeare, o jovem ficou entusiasmado a ponto de não conseguir mais ler, sua alma estava tomada de comoção (GOETHE, 2009). As leituras de algumas das peças do tão afamado dramaturgo inglês, provocaram no nosso jovem reflexões, inquietações e elucubrações de tal modo que exclamou: “não lembro de nenhum outro livro, ser humano nem de qualquer acontecimento da vida que tanta impressão me tenha causado quanto essas peças magníficas...” (GOETHE, 2009, p. 184). A partir desse contato emerge novamente seus anseios:

Quisera, replicou Wilhelm, poder revelar-lhe tudo o que se passa a gora dentro de mim. Todos os presságios em relação a humanidade e a seu destino, que me acompanham desde pequeno, sem mesmo adiverti-los encontro-os realizados e desenvolvidos nas peças de Shakespeare (GOETHE, 2009, p. 195).

É possível afirmar que Goethe, reverbera seu sentimento acerca de Shakespeare através de Wilhelm, como ele mesmo salienta “a primeira página dele que li foi uma identificação por toda a vida, e quando tinha terminado a primeira peça, fiquei como um cego de nascença a quem um gesto milagroso dá, num instante, a visão” (GOETHE, 2000, p. 27). A referência da “visão” de Goethe é manifesta em Wilhelm ao querer fazer do teatro um meio para o exercício da formação humana. E assim se sucederá quando

⁴ William Shakespeare (1564-1616) foi um poeta, dramaturgo e ator inglês, tido como o maior escritor do idioma inglês e o mais influente dramaturgo do mundo.

Wilhelm é eleito diretor da trupe, formalmente, pois há de convir que ele já exercia tal função anonimamente. Assunto esse que nos deteremos mais adiante.

Como tudo tem seu tempo, chegou o fim da estadia da ilustre trupe no castelo do Conde. Devido a rumores de que a guerra⁵ estava próxima, o príncipe e seu aparato militar retiram-se a fim de proteger seu território. A fim de agradecer a todos pelas noites de embalo e entretenimento, o barão presenteia a todos com algumas lembranças e palavras afáveis em nome do Conde e da Condessa, que já haviam partido (GOETHE, 2009). Bem como seguem seu caminho com um salvo conduto assinado e com o selo do príncipe.

No decorrer da organização para a partida a trupe decide que a melhor maneira de gerir o grupo seria mediante a forma republicana e que o cargo de diretor seria alternado e acompanhado por um pequeno senado. E como fora salientado anteriormente assim se fez: “Passaram imediatamente à ação e elegeram Wilhelm como primeiro diretor. Nomearam o senado e as mulheres ganharam direito ao voto e assento; propuseram leis algumas rejeitadas outras aprovadas [...] ...” (GOETHE, 2009, p. 184). É importante considerar a ideia de nosso filósofo sobre a política. Ao defender a república como a melhor forma de governo, bem como a necessidade de um senado que fiscalize o exercício do poder e tomada de decisões do governante. Sendo a democracia o exercício mais nobre em relação à prática da liberdade de cada indivíduo. Não bastasse isso, Goethe defende a participação das mulheres nas tomadas de decisões, podendo votar e expressar suas opiniões, o que nesse período era um ultraje em uma sociedade predominantemente patriarcal. Repare que o contexto é o séc. XVIII, períodos das grandes revoluções. E nosso pensador também queria contribuir ao disseminar tais ideias para os leitores em sua obra magna.

Empenhado em fazer do teatro um caminho que possibilita a formação humana, passa a exigir dos atores, agora sob sua direção, que para além de decorar os atores devem se apropriar do personagem, compreender o contexto do enredo tomar para si a paixão, o amor, o sofrimento, a dor e as emoções devem ser interpretadas tal qual a história é descrita. Ao ponto de transpor a teatralidade e levar o espectador a sentir tais emoções. Porém isso não é possível com qualquer apresentação ou peça. Para tanto Wilhelm propõe a peça *Hamlet* de Shakespeare, a qual lera no castelo como já transcorrido anteriormente.

⁵ Dado o período em que a história é retratada. É possível afirmar que esse confronto militar, faça parte das guerras napoleônicas ocorridas entre 1792 a 1815. As quais tiveram um impacto significativo no cenário geopolítico europeu, como na dissolução do Império Romano-Germânico, e fez ascender novas ondas de patriotismo e nacionalismo pelo continente, que ajudaram os processos de reunificação na Alemanha e Itália ao final do século XIX.

O jovem Meister quer colocar em prática seu desejo mais tenaz. Formar e provocar nas pessoas a compreensão dos problemas que acometem o ser humano, apoiando-se na tragédia de *Hamlet*, explorando os meandros do sentimento e caráter do príncipe dinamarquês, compreendendo o entrelaçamento de acontecimentos que culminaram na morte de seu pai, o Rei Hamlet, o desabrochar de seus sentimentos por Ofélia dentre outras nuances que são inerentes ao próprio humano, como disputa pelo poder, amor, desejo, justiça, paixões dentre outras condições vivenciadas pelo homem (GOETHE, 2009). Após uma extensa narrativa sobre seu intento, e qualidades da peça, a trupe aceita a sugestão de Wilhelm e seguem viagem.

Dado os rumores de guerra, o grupo havia saído do castelo e ainda estavam em viagem à procura de uma pequena cidade, porém que fosse rica, essa era a orientação de Melina, o qual pensava nos ganhos. Não sendo partidário publicamente do pensamento de Wilhelm, não intervia, achava ser bom para o caixa da trupe apresentar uma peça tão magistral quanto *Hamlet*. Quando saíram do castelo, foram orientados pelo barão a respeito de um caminho que os levaria a algumas cidades do interior da Alemanha, que pudessem recepcioná-los.

Wilhelm, seguro de sua nova função como diretor, decide cortar caminho por um atalho, contrariando o conselho do barão, bem como os rumores de salteadores que poderia estar à espreita na região que o atalho obrigatoriamente passava. Nosso diretor “gozava de um prazer como jamais sentira antes. Imaginava ter ali uma colônia de peregrinos, da qual ele era o chefe. Agindo assim conversava com todos, cultivando a não mais poder a ilusão poética do momento” (GOETHE, 2009, p. 224). Após algum tempo por esse atalho, encontraram uma bela planície descampada, onde resolveram se estabelecer antes do anoitecer a fim de repousarem, quando...

De repente ouviram um disparo de um tiro junto a uns arbustos próximos dali, seguido de mais um, o que fez a companhia se dispersar, apavorada. Não tardaram a avistar alguns homens armados, correndo em direção ao local que os cavalos pastavam, não longe dos coches carregados de bagagem. As mulheres deixaram escapar um grito, e nossos heróis deitando fora seus floretes, apanharam as pistolas, correndo ao encontro dos bandidos e, sob enérgicas ameaças, exigindo contas de tamanha intervenção. Como lhes responderam laconicamente com um par de tiros de mosquete, Wilhelm disparou sua pistola contra um homem de cabelos encaracolados que, havendo subido no coche, tentava cortar as cordas da bagagem. Atingido, tombou por terra; Laertes, por sua vez, tampouco havia erra do seu tiro, e os dois amigos já tratavam de sacar corajosamente as armas que traziam de lado, quando parte dos bandidos arremeteu contra eles, aos gritos e maldições, disparando vários tiros e opondo à sua audácia seus reluzentes sabres. Nossos jovens heróis mostraram bravura, chamaram seus outros companheiros, encorajando-os a

uma defesa geral. Mas logo Wilhelm perdeu a visão da luz e a consciência do que se passava. Atordoado por um tiro que o ferira entre o peito e o braço esquerdo, e por uma pancada que lhe partiu o chapéu e quase lhe atravessou o crânio, tombou por terra, e só mais tarde, através de relatos, tomou conhecimento de como havia terminado o desventurado ataque. (GOETHE, 2009, p. 224-225).

Pobre Wilhelm, tão confiante de si mesmo. Que infortúnio os acometeu atrapalhando o momento tão belo que a companhia vivia. Nosso jovem quase morreu e foi resgatado e salvo por alguns viajantes que por ali passavam, que ouviram os tiros e alaridos, que ao chegarem, os bandidos já haviam fugido com tudo quanto puderam levar e carregar. A amazona os ajudou, por sorte contavam com um médico junto a ela, que após um exame minucioso descartou o risco de morte do jovem Meister. Esses benfeitores os levaram até o vilarejo mais próximo e os acomodaram em uma estalagem. Após o ocorrido, ao contabilizar as percas, culpavam Wilhelm pelo malogro da situação em que se encontravam.

Afirmavam que só por conselho de Wilhelm, sob sua única direção, haviam tomado aquele caminho perigoso e se sujeitado à quela adversidade. Lançaram sobre ele a responsabilidade pelo sinistro desfecho e, ali da porta, opunham-se à sua entrada, sustentando que ele deveria procurar abrigo em outra parte. (GOETHE, 2009, p. 224-225).

Uma triste realidade, muito bem ambientada por Goethe: o ser humano por vezes se exime de suas responsabilidades, procurando culpabilizar o outro, ao invés de compreender, encontrar alternativas e meios de solucionar a situação. Nessa fase da história, nosso escritor deixa claro que o grupo em sua maioria era personalista, orgulhosos e só pensavam em si mesmo, reclamava suas posses e o dinheiro que haviam perdido. Não se davam conta que eram um bando de saltimbancos e que se por alguns instantes viveram o estrelato, foi por causa de Wilhelm, de seu planejamento e percepção das coisas, ele quem tinha classe, cultura e sabia se portar diligentemente com nobreza. Mesmo debilitado, Wilhelm fez um discurso assumindo a responsabilidade pela escolha do caminho que culminou no infortúnio vivido por todos. Ainda durante o discurso intrépido, a lamúria da trupe persistia, por fim acabou por se comprometer em ressarcir a todos no momento oportuno, acalmando o ânimo de todos.

O que se sucede a recuperação de Wilhelm, é o esfacelamento da trupe. Melina que era o dono do insólito grupo, pensa em seguir seu próprio caminho, solicitando a Wilhelm uma carta de recomendação para o afamado diretor de teatro Serlo, o qual era conhecido de Wilhelm. Nosso jovem esperava poder seguir viagem em poucos dias “não

queria continuar vivendo sem planos, ao acaso, mas sim traçar seu caminho rumo ao futuro com passos bem marcados” (GOETHE, 2009, p. 237). É possível perceber os primeiros frutos da *Bildung* nesse contexto, pois Meister, após suas últimas experiências e principalmente após refletir sobre a vida que levava até o presente momento, compreende a importância do planejamento e que já passara tempo demais longe dos afazeres que lhe puseram em curso de viagem, a saber os negócios de seu pai. Visto que, havia alguns comerciantes perto do vilarejo onde estava, e precisava visitá-los a fim de resolver os negócios pendentes, que eram a sua responsabilidade inicial.

Em meio a tais pensamentos, recorda-se da desventura vivida pelo grupo ao qual era o diretor. Lembrou-se da promessa que havia feito a ele. Embora tenha repreendido a si mesmo por prometer algo que não poderia cumprir e que talvez eles nem merecessem, “pensou nos meios de ser útil e benevolente para com eles e encontrou todos os motivos para acelerar sua viagem à procura de Serlo” (GOETHE, 2009, p. 241). Ao chegar na presença de Serlo, é muito bem recebido, ao passo que é indagado:

O senhor não se comportou comigo — replicou Serlo — como com um velho amigo; tratou-me como um grande senhor a quem se pode recomendar em sua consciência uma gente inútil. Nossa sorte depende da opinião do público, e temo que dificilmente venham a ter boa acolhida esse tal de senhor Melina, junto com os seus. Wilhelm quis dizer algo a favor deles, mas Serlo se pôs a fazer uma descrição tão implacável de todos, que nosso amigo se sentiu deveras satisfeito [...] (GOETHE, 2009, p. 242).

Resolvido de uma vez a situação com a trupe, a qual lamentavelmente ou felizmente se desfez, um novo caminho se desenha para Wilhelm. Embora tenha aprendido valiosas lições no tempo em que passou com o grupo, e a salutar convivência que desfrutou no castelo ante o príncipe e sua breve incursão na nobreza, não pensa em abandonar o teatro, mas sim, deixar mais uma vez ser conduzido pelo caminho que se mostra a sua frente. De acordo com Marangon (2020), nesse período de sua viagem de aprendizado e experiências formativas, Wilhelm:

[...] percebe mesmo que de maneira inconsciente suas limitações e o real significado da perfectibilidade. Ele não está pronto, e o equívoco de imaginar-se pronto o leva a errar e a colocar outros indivíduos em situação de risco. Assim, o único caminho que lhe resta é entender a necessidade da educabilidade, colocar-se novamente a caminho, deixar-se conduzir através de novas experiências ir moldando-se harmoniosamente e integralmente para que no futuro, quando novas oportunidades surgirem possa ter a melhor ação (MARANGON, 2020, p. 75).

Esse novo intercuro pelo ambiente da dramaturgia, agora com a possibilidade de ser amparado e ensinado por Serlo, dono e diretor de uma renomada companhia de teatro, na qual há atores e atrizes de nível mais elevado, não apenas profissionalmente, mas culturalmente também, permitirá que Wilhelm se sinta mais à vontade para atuar e expor suas ideias, e estas agora não ecoaram ao vento, encontrou finalmente um lugar onde pode formar a si mesmo e exercer o ofício para o qual pensa que nasceu.

E não devo honrar o destino que, sem a minha intervenção, me conduziu até aqui, a satisfazer todos os meus desejos? Não se está cumprindo neste momento tudo quanto outrora elaborei e concebi, por pura obra do acaso e sem qualquer colaboração de minha parte? Que coisa mais estranha! Não me parece haver nada mais familiar ao homem que as ilusões e esperanças que há tanto tempo ele nutre e guarda em seu coração, e no entanto, quando finalmente elas se realizam, quando elas, por assim dizer, se impõem a ele, não as reconhece e recua ante elas. Tudo que só me havia aparecido em sonhos antes daquela desafortunada noite que me afastou de Mariene, está agora diante de mim, a se oferecer a mim mesmo. Aqui quis refugiar-me e para cá fui cuidadosamente conduzido; quis buscar emprego com Serlo, e é ele mesmo quem me procura e me oferece condições que, na qualidade de principiante, jamais poderia esperar. (GOETHE, 2009, p. 272).

O que Wilhelm antes sonhava, tornou-se realidade. Após o infortúnio com Mariene estava vivendo seu sonho. Já não sabe se o amor que nutria por Mariene que o levou ao teatro ou era o amor pela arte que o prendia a ela. Em conversa consigo mesmo, chega à conclusão de que o destino o beneficiou até o presente momento. E que aparentemente foi o teatro que o encontrou e não o contrário. Pois a viagem que seu pai lhe solicitara tinha justamente a intenção de o afastar do teatro. Quando está prestes a tomar uma séria decisão, recebe uma carta:

Em meio a um estado tão prazeroso quanto aquele, vieram entregar a Wilhelm uma carta que trazia um sinal de luto. O sinete de Werner indicava uma triste notícia, e não foi pequeno o susto de nosso amigo ao ver anunciada em poucas palavras a morte de seu pai. Depois de uma inesperada e breve doença, ele havia partido deste mundo deixando seus assuntos particulares na melhor ordem. (GOETHE, 2009, p. 272).

A carta marca um ponto crucial na obra de Goethe, quando Wilhelm está prestes a tomar uma séria decisão a qual poderá determinar o seu futuro em todos os sentidos, é confrontado com a realidade sociocultural de seu tempo. Com a morte do pai, deveria renunciar às aventuras que até agora está vivendo, retornar para casa a fim de cuidar dos negócios da família e gerir as posses que herdou. No decorrer da carta Werner, seu amigo

de infância, que agora havia se casado com sua irmã, passa relatar o que se sucedeu após a morte de seu pai, cujo funeral Wilhelm não esteve presente pela distância em que estava.

Werner argumenta sobre seus projetos econômicos, elogia demasiadamente um relatório que Wilhelm havia feito alguns meses atrás dentre outros detalhes. Mas a grande questão é uma “chamada de atenção” ao nosso jovem viajante, para que ele retorne a suas “origens”, continue por mais um período de tempo em sua aventura, mas que em breve volte aos negócios da família, visto que a projetos importantes os quais precisam da sua presença e aprovação. Werner é um burguês capitalista, afirma que é preciso cuidar dos negócios, produzir capital, ter fortuna líquida, e não se preocupar com coisas supérfluas, eis sua profissão de fé: “cuidar dos negócios e fazer dinheiro; ser feliz com os seus e não se preocupar com o resto do mundo, se não na medida em que possa ser útil” (GOETHE, 2009, p. 282). Um recorte magistral da vida burguesa. Porém essa forma de viver e encarar o mundo não atrai Wilhelm. Tão logo ele escreve uma carta respondendo seu amigo e agora cunhado.

Tua carta está tão bem escrita e tão sensata e prudentemente pensada que nada mais há para acrescentar. Deves, porém, perdoar-me se digo que é possível pensar, a firmar e fazer justamente o contrário, e ainda também ter razão. [...] De que adianta um ferreiro, forjar um bom ferro se o seu interior está cheio de escórias? E de que me serve também colocar em ordem uma propriedade rural, se comigo mesmo me desviam? (GOETHE, 2009, p. 284).

A carta é extensa e cabe a nós, apenas o seu prólogo, para entender o tom de contrariedade da sugestão do seu amigo Werner. No decorrer do texto é possível vislumbrar a *Bildung* em ação quando Wilhelm pensa sobre todas as possibilidades que surgem diante dele nesse momento, passando a agir com cautela e embasado em suas experiências formativas até o presente momento...

“para dizer-te em uma palavra: instruir-me a mim mesmo, tal como sou, tem sido obscuramente meu desejo e minha intensão, desde a infância. Ainda conservo essa disposição, com a diferença que agora vislumbro com mais clareza os meios que permitirão realiza-los (GOETHE, 2009, p. 284).

Nesse estágio de sua vida, Wilhelm percebe que ainda não possui uma formação universal, percebe que carece de uma compreensão de si mesmo, embora o percurso que trilhou até o dado momento lhe fizeram amadurecer enquanto ser humano, ainda não compreendeu qual é sua real natureza, sua pré-disposição, acima de tudo, a sua potencialidade de *ser* e existir, vindo a exteriorizar aquilo que ele é.

Ora, o que exige a expressão “tal como sou”? Em primeiro lugar, o conhecimento do que “sou”. Ou seja, se o desejo é constituir o máximo de si, o máximo do seu íntimo e buscar desenvolver isso para que não haja contradição no *ser* e no *existir* do indivíduo, é preciso que ele busque o autoconhecimento, a verdade de si (MARANGON, 2020, p. 84 grifo do autor).

Wilhelm decide prosseguir sua viagem formativa, pois precisa entender melhor a si mesmo, descobrir quem ele é. Ademais o jovem Meister era apenas um burguês, e precisava provar-se para o mundo. O burguês é medido pelo que ele tem. O nobre não precisa provar nada. A nobreza é algo que deve ser legítima por si mesmo, o nobre se apresenta pelo nome e isso já basta. O burguês “nada dá, nem pode dar com sua personalidade. Aquele pode e deve aparentar, este só deve ser e, se pretende aparentar torna-se ridículo” (GOETHE, 2009, p. 285).

4.4 Conhecendo sua potencialidade e seus limites

É possível afirmar que nosso protagonista, está reconhecendo quem ele é. A *Bildung*, mais uma vez se traduz na expressão “tenho justamente uma inclinação irresistível, por essa formação harmônica de minha natureza, negada a mim em meu nascimento” (GOETHE, 2009, p. 286). Fica evidente sua preocupação com uma formação omnilateral e omnicomprensiva. Embora não tenha nascido um nobre, reconhece pertencimento a classe burguesa, o exercício da *Bildung* se efetiva na busca pela compreensão de si, de quem ele é, em qual circunstância está inserido, para aí sim, construir mudanças ou possíveis transformações que resultem em uma formação universal, capaz de fazê-lo compreender quem ele realmente é.

Wilhelm Meister não quer mais a passividade, a aceitação da intervenção externa. Desde que saiu de casa ele procura por uma constituição de si, algo que brote daquilo que ele acredita ser, em princípio, seu destino; mas que a cada novo acontecimento passa a ser uma obsessão sua, uma meta que o movimenta, que o faz mover-se de dentro para fora (MARANGON, 2020, p. 85).

Diante de tais circunstâncias decide ficar e continuar sua viagem formativa a fim de consagrar-se no teatro ao ser ator e coprodutor da apresentação teatral *Hamlet* de Shakespeare, e ainda interpretando o personagem principal, o príncipe. Nessa perspectiva,

a dramaturgia, a singularidade das obras de Shakespeare, a *catarse*⁶ provocada por elas, bem como seu intercurso no “grande mundo”, se traduz na possibilidade de conhecer a si mesmo como sempre Wilhelm desejou (MARANGON, 2020). É no teatro que nosso jovem vislumbra a efetivação de uma formação universal, não apenas para si, mas para o público que assistirá as apresentações.

Após a decisão de fazer parte da companhia de Serlo, Meister passa a organizar a produção da peça teatral de *Hamlet* de Shakespeare, buscando através dela provocar no público a reflexão e inserção destes no ambiente da erudição e da reflexão aguçada.

É uma falsa condescendência para as pessoas despertar nelas sensações que desejam ter, e não aquelas que devem ter. – Quem traz o dinheiro pode exigir a mercadoria a seu bel-prazer. – Até certo ponto; mas o grande público merece que o respeitem, que não o tratem como criança, a quem se quer tomar o dinheiro. Tratemos de guiá-lo aos poucos, com o auxílio do que é bom, rumo ao sentimento e ao gosto pelo bom [...] (GOETHE, 2009, p. 307).

Nesse diálogo entre Serlo e Wilhelm, fica claro a preocupação do proprietário da companhia em angariar dinheiro, fazendo apresentações que agradem o público. Já o jovem Meister, demonstra uma preocupação em educar o público, formá-los a partir de apresentações teatrais instigantes e capaz de provocar na plateia o mesmo sentimento vivenciado pelos personagens.

O teatro como forma de reflexão, em que os atores se apresentam, e representam a sociedade; para ser analisada, refletida, a perfeioada. E quando se fala em sociedade, fala-se aqui dos indivíduos que a compõe, que se veem representados nos palcos em seus sonhos e angústias, a aventuras e desventuras, aproveitando este momento para refletir sobre a própria vida (MARANGON, 2020, p. 89).

Eis o real intento de Wilhelm com teatro: sua pretensão em ser o precursor do desenvolvimento do “Teatro Nacional” sob essas condições. O que na verdade Goethe propriamente faz, com a obra *Os anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, é contextualizar assuntos pertinentes a todas as sociedades, a todos os homens, manifestando sua preocupação com uma formação universal ao provocar nos leitores a reflexão sobre si mesmos. E isso ele o faz, de uma forma atemporal.

O que se sucede no enredo da obra é uma perfeita apresentação da peça *Hamlet*. A plateia ficou extasiada com tamanha singularidade expressa por cada ator e atriz, em

⁶ A *catarse* nas artes corresponde à sensação de “limpeza, leveza, renovação e purificação” que o ser humano atinge quando entra em contato com alguma obra artística.

particular a de nosso jovem e promissor ator. Porém, o momento de satisfação e alegria é atenuado por uma frase emblemática deixada especificamente para Wilhelm “pela primeira e última vez, foge!” (GOETHE, 2009, p. 320). Tal situação preocupou o jovem Meister, o qual, passa a questionar a todos quanto pode a fim de saber quem, por ventura, havia deixado aquela mensagem justo no momento em que vivia o apogeu de sua carreira teatral, como ator e coprodutor, aplicando seu inefável desejo de formar o público. Quem ousaria dizer para que nesse momento ele parasse de atuar e de fulgurar nas belas artes? Sem descobrir quem poderia fazer tal gozação, seguiu absorto buscando entender o significado da frase.

No entanto, a realidade que o cercava dava indícios de possíveis mudanças em um futuro próximo, “havia se esgotado o interesse por Hamlet, e achavam antes um incômodo o dever de representá-lo uma segunda vez no dia seguinte” (GOETHE, 2009, p. 321). Não bastasse a desmotivação da trupe, “de súbito, irrompeu Mignon no quarto e, agarrando-se a ele, gritou: Meister, salva a casa. Ela está queimando!” (GOETHE, 2009, p. 321). Apesar da perda de muitos bens, Wilhelm e a trupe saíram ilesos. Nosso jovem tratou de cuidar da pequena Mignon e do pequeno Félix, uma criança que estava sob a tutela de Aurelie, irmã de Serlo, criança que mudará o curso da trajetória de Wilhelm, inclusive em sua formação, como veremos mais adiante.

Wilhelm não pensava em suas roupas nem em nenhuma das outras coisas que podia haver perdido; sentia profundamente o quanto lhe eram caras aquelas duas criaturas que viu escaparem de um perigo tão grande. (GOETHE, 2009, p. 323).

Após o susto tiveram que procurar outro alojamento, e com isso, a trupe se dispersou. Seguiram se apresentando, mas não com o mesmo brilho e tenacidade. O público que antes os venerava, ficou mais crítico e exigente, deixando de valorizar aquilo que Wilhelm mais ansiava: o desejo de compreender o enredo e contexto da obra e sentir-se provocado por ela.

Infelizmente, ocorre que, em geral, tudo que há de ser produzido através do contato de vários homens e circunstâncias não pode manter-se perfeito por muito tempo[...] tudo se transforma, e o que antes aquilo que estava unido, logo se desfaz (GOETHE, 2009, p. 333).

E assim estava a companhia de Serlo. Durante um bom tempo foram ovacionados, congratulados, podendo ser consagrados como os precursores do teatro nacional,

alcançando notoriedade. Durante esse período, a trupe se empenhava. Animados, entregavam-se de corpo e alma nos ensaios e apresentações.

Mas logo se descobriu que uma parte deles não passava de autômatos, que só conseguem alcançar o que é possível atingir sem sentimento, e em pouco tempo neles se imiscuíram as paixões, que de hábito a tracavam o caminho de toda boa instrução e desfazem tudo o que os homens razoáveis e de bom julgamento desejam manter unido (GOETHE, 2009, p. 333-334).

Não bastasse, esse natural perca de interesse pela arte, por aqueles que não possuem um talento real e apreço ao encenar e contracenar, no intento de transpor as emoções dos personagens para a plateia. O público, com seu modo especial de se comportar com pessoas famosas e de alto prestígio, passa aos poucos mostrar indiferença para os bons atores da trupe, demonstrando mais valor a aqueles que possuem um talento menor - pelo fato de serem novos-, os quais caem nas graças do público, que passa a ter mais exigências com aqueles que eram considerados celebridades (GOETHE, 2009). Em contrapartida o jovem Meister tenta organizar o grupo da melhor maneira possível:

Não tardou, porém, a que sobreviessem inquietações internas e muitos dissabores, pois mal se havia dado conta de que Wilhelm assumira o cargo de um diretor artístico, quando a maior parte dos atores passou a se portar muito mal, já que ele desejava, a seu modo, pôr um pouco mais de ordem e rigor no conjunto, insistindo sobretudo em que toda a parte mecânica deveria funcionar com pontualidade e precisão (GOETHE, 2009, p. 335).

Wilhelm tinha adquirido experiência. Aprendeu como deveriam acontecer os ensaios e produções das peças, sabia como portar-se e a medida da dedicação e esforço exigido para a preparação de um belo espetáculo. Logo, ele exigia o mesmo empenho dos outros, pensando talvez que pudessem se assemelhar a sua dedicação e zelo pelas apresentações. Meister estava ciente disso, os outros colegas tão pouco. É possível presumir que o relacionamento entre a trupe se deteriorou, de tal modo que o respeito mútuo era quase inexistente. “O trabalho era pesado e escassa a recompensa” (GOETHE, 2009, p. 335). Não que o jovem Meister estivesse preocupado com retorno financeiro, a questão é falta de consideração pelos colegas, em relação ao seu esforço e dedicação para que a ordem, para que a excelência dos trabalhos fosse mantida.

A fim de corroborar com essa situação “sobreveio também um luto público que obrigou a fechar o teatro por algumas semanas” (GOETHE, 2009, p. 336). Com isso Wilhelm decide se retirar por um breve período de tempo para visitar seu velho amigo harpista, que por tantas vezes o alegrou com suas melodias e músicas. Este, no dia do

incêndio da estalagem teve um surto psicótico, e desde aquele fatídico dia estava em uma espécie de clínica de repouso a fim de tratar de sua saúde.

Durante sua ausência, a situação da trupe que já não era das melhores, enveredou-se para um lado que Wilhelm jamais imaginou. As questões econômicas do grupo - devido uma parada forçada pelo luto público na pequena cidadela em que estavam -, o desânimo de alguns atores, e as enfermidades que assolavam integrantes importantes da trupe, potencializaram um anseio antigo de Melina que também era um dos diretores do teatro. Aproveitando-se da situação ele sugere a Serlo para que se desfizesse da trupe e, devido ao seu talento e maestria, voltasse a se apresentar sozinho, contratando atores simplórios, organizando peças mecânicas, empregando assim grandes esforços na ópera, tendo menos custos e mais ganhos e dinheiro.

Melina zombou sem muita sutileza dos ideais pedantes de Wilhelm, de sua arrogante pretensão de educar o público, ao invés de se deixar educar por ele, e assim, verdadeiramente convencidos, os dois reconheceram que não deveriam fazer outra coisa senão ganhar dinheiro, enriquecer ou divertir-se, mal conseguindo ocultar o desejo de se livrar daquelas pessoas que se opusessem a seus planos (GOETHE, 2009, p. 341).

Educar o público através do teatro, ou deixar ser educado pelo público? Cultura por dinheiro ou cultura para formação? Tornou-se clarividente o abismo entre o pensamento de Wilhelm e dos diretores da trupe. Meister como já mencionamos, deseja fazer do teatro um instrumento para a formação humana das pessoas. Seus colegas, querem produzir ópera, algo que atrai o público e por consequência traria mais renda do que a encenação de peças teatrais. O relacionamento e o comportamento de Melina e Serlo para com Wilhelm se deteriorou, faziam questão de contrariá-lo, de contrapor suas ideias durante a preparação das peças. O ponto culminante desse embaraço se dá pela morte da irmã de Serlo, Aurelie, a suposta mãe do pequeno Felix. Ela no seu leito de morte, nos derradeiros instantes que lhe restavam, incumbiu o jovem Meister a entregar uma carta para seu antigo amor e suposto pai do pequeno Felix.

4.5 O despertar de um sono dogmático

Wilhelm acata prontamente o pedido de sua estimada amiga e retira-se da trupe por um período, visto que já pressentia a inevitável mudança. Com isso, ele pode lançar-se em uma nova viagem rumo ao inexplorado, podendo continuar seu percurso formativo, pois, “o maior mérito do homem, consiste, isto sim, em determinar, tanto quanto possível,

as circunstâncias, deixando-se determinar por elas o menos possível” (GOETHE, 2009, p. 390). O exercício da *Bildung* reverbera nessa afirmação de Goethe: o momento que Wilhelm estava buscando transformar o caos em uma possível unidade orgânica. Mesmo com as dificuldades vivenciadas até então, ele continua sua caminhada construindo sua própria formação, lapidando-se como uma pedra nas mãos do arquiteto.

Todo ser no universo, estende-se diante de nós como uma grande pedreira diante do arquiteto, que só merece esse nome quando dessa fortuita massa natural, compõe com a máxima economia, adequação e solidez, a imagem primitivamente concebida por seu espírito (GOETHE, 2009, p. 390-391).

Isto é, o jovem Meister é o arquiteto de si mesmo. Quando ele concebeu a ideia de instruir-se como ele é, lançou-se em busca desse intento, começando a dar forma ao seu projeto, ou seja, a si mesmo. A *Bildung* é justamente esse processo de formar-se, a partir de um ideal, que pode ser pré-estabelecido ou estabelecido durante a viagem formativa do sujeito, na qual as experiências possibilitam a construção desse ideal. Por mais que Wilhelm ao “pensar no tempo em que passou com a trupe, acreditava ver um vazio sem fim; não restando nada de tudo aquilo” (GOETHE, 2009, p. 406, grifo nosso).

Segundo Goethe, na fala do clérigo que mais uma vez cruza o caminho de nosso jovem, afirma que “tudo que nos acontece deixa-nos rastros, tudo contribui, ainda que de maneira imperceptível, para nossa formação” (GOETHE, 2009, p. 406). Tal expressão sustenta uma das bases da formação humana defendida por Goethe, a educação do espírito não acontece apenas na escola, na universidade ou na leitura dos grandes teóricos da humanidade, mas a *Bildung* ocorre a todo momento, basta o sujeito fazer bom proveito dessas aventuras e desventuras, utilizando-as como experiência formativa na tomada de decisões de sua trajetória (MARANGON, 2020).

De volta a obra, ao chegar em seu destino, conhecerá o antigo amor de Aurelie, a saber Lothario, o destinatário da carta que levava a pedido dela. Durante sua estadia no castelo de seu novo conhecido, uma série de acontecimentos e revelações acontecem. Fica surpreso ao reconhecer Jarno, aquele que lhe apresentou as obras de Shakespeare como um dos visitantes durante um incidente peculiar, do qual não trataremos por ser fortuito. Quando possível, passa a conversar com Jarno, inteirando-se dos fatos que estavam agitando o castelo desde a chegada de Wilhelm. Ao ser questionado por Jarno, sobre como ia a trupe e seu anseio em fazer do teatro um instrumento de formação do público, Meister responde:

Estou sendo punido demais! — exclamou Wilhelm. — Não me recorde de onde venho nem para onde vou. Fala-se muito do teatro, mas quem não esteve nele não pode fazer a menor ideia do que é. O quanto ignoram completamente a si mesmos esses homens, de que modo exercem sem qualquer discernimento suas atividades, e quão ilimitadas são suas pretensões, disso ninguém tem a menor noção. Não só cada um quer ser o primeiro, como também o único; todos excluíam, com prazer, os demais, sem ver que, mesmo com todos juntos, mal poderiam realizar alguma coisa; todos se imaginam maravilhosamente originais e, no entanto, são incapazes de descobrir no que quer que seja algo que esteja fora da rotina, o que os leva a sentir um eterno desassossego por algo de novo. Com que violência agem uns contra os outros! E só o mais mesquinho amor próprio, o mais tacanho egoísmo fazem unir-se um ao outro. Não há que se falar de um comportamento recíproco; perfídias secretas com palavras infames sustentam uma eterna desconfiança; quem não vive licenciosamente, vive como um imbecil. Todos reclamam a mais incondicional estima, e todos são sensíveis à menor crítica (GOETHE, 2009, p. 417).

Nosso jovem protagonista descreve para Jarno a percepção que teve dos colegas, do teatro de modo geral. Ao fazê-lo, narra para si mesmo a dificuldade de empreender algo de bom e belo a partir do teatro, atividade essa permeada de pessoas egocêntricas, buscando fama e o estrelato sem nenhuma preocupação com o outro, ou com a finalidade de suas ações. Na verdade, o que Wilhelm presenciou durante o período que esteve com a trupe não se resume apenas a esse insólito grupo de pessoas, mas um recorte de toda a sociedade, não só do séc. XVIII, mas a atual!

Na réplica de Jarno sobre o assunto isso se consolida. “O que Meister descreveu não foi o teatro, mas o mundo, podendo ser encontrada em todas as classes sociais personagens e ações suficientes para as duras pinceladas de sua descrição” (GOETHE, 2009, p. 417 grifo nosso).

Quando Wilhelm iniciou sua viagem, ainda não tinha clareza de como o mundo funcionava, de como as pessoas agem em busca de seus próprios interesses e que por vezes as interações sociais se dão por necessidade e não por prioridade, no sentido de construir algo de bom e a partir dessa relação desenvolver algo útil para todos. No decurso das experiências que teve, pode perceber que o mundo não é o que parece ser. No início Wilhelm tinha idealizado um teatro, havia idealizado uma possível formação, havia idealizado uma sociedade. Mas, com o tempo, parece ter transcendido a ficção de um romance para um drama real, no qual nosso jovem é o protagonista.

Ora, esse é o ponto crucial da *Bildung* goethiana. A formação é uma viagem, é uma interação com o outro. Quando viajamos, voltamos para casa trazendo coisas novas, outras deixamos onde fomos, temos novas posturas, novas marcas, novas lembranças e novos aprendizados. E deixamos marcas e contribuições por onde passamos.

Após esse esclarecimento, Jarno e Meister continuam conversando sobre os pormenores das relações teatrais, até chegar ao ponto de Jarno afirmar: “penso que o senhor deve abandonar de vez o teatro, para o qual não possui nenhum talento” (GOETHE, 2009, p. 448). Ora, tal afirmação o surpreendeu, ficando extasiado. Mesmo que em seu íntimo suspeitasse que o teatro era um ofício para o qual não devia mais empenhar seus esforços, ouvir que ele não tinha talento para algo que era seu grande sonho soou não como uma provocação, mas um convite para refletir sobre si mesmo.

Nesse entremeio, ao pensar sobre si e sobre as atitudes que deveria tomar, algo surpreendente acontece. Wilhelm descobre que é pai do pequeno Félix. “Ele é teu! Exclamou Mignon. Teu! E apertava o menino contra os joelhos de Wilhelm” (GOETHE, 2009, p. 450). O menino tinha cerca de três anos de idade e já fazia cerca de três anos que estava viajando. Mariene, a mulher que amava tanto e que o aproximara do teatro, havia lhe escrito uma carta revelando toda a verdade. O filho era seu e de Mariene. A qual infelizmente, devido a complicações durante o parto, veio a falecer algumas semanas após o nascimento do menino.

“Se esta carta chegar um dia a ti, lamente por tua infeliz amada, que teu amor a conduziu à morte. O menino, a cujo nascimento não sobreviverei senão alguns dias, é teu; morro, sendo-te fiel, a inda que as aparências deponham contra mim; contigo perdi tudo que me atava à vida. Morro contente, pois me asseguraram que a criança é saudável e viverá. Escuta a velha Bárbara, perdoa-a, a deus e não me esqueças!” (GOETHE, 2009, p. 451).

Que revelação pérfida o “destino” havia reservado! Abandonou sua amada por pensar que ela o traía. Lançando-se no mundo a fora, a fim de esquecer o sonho que nutria em relação ao teatro, visando também, apagar a chama do amor que sentia por ela, quando na verdade as suas escolhas o levaram invariavelmente a vivenciar aquilo que ele estava disposto a abandonar. A dor, a alegria, a angústia ou a satisfação, não é possível descrever o sentimento que permeava o pensamento de Wilhelm ao receber tal revelação, e pensar retrospectivamente tudo que lhe acontecera desde o primeiro instante que viu sua bela amada se apresentar no palco do teatro. Feliz por ser pai, triste por abandonar quem lhe amou verdadeiramente, cujo amor lhe tirara a vida.

Wilhelm continuou agora com novos propósitos. Tende a desistir do teatro, já percebe que “durante sua ausência, pôde constatar que, segundo o espírito e o senso da companhia, há muito que ele já se havia despedido efetivamente dela” (GOETHE, 2009, p. 453). Fato é que ao reencontrar Serlo e Melina, ambos unidos por um mesmo intento

fazer da trupe um grupo de ópera e estandarte, ao perceber que Wilhelm, não tinha intensão de voltar, foram muito corteses com ele. “Embora uma parte do público desejasse vê-lo em cena mais uma vez, isso lhe era impossível, e na companhia ninguém o desejava [...]” (GOETHE, 2009, p. 466).

Wilhelm reconhece que precisa seguir em frente. Ao perceber que continuar no teatro seria uma ilusão, visto que a trupe estava ganhando dinheiro com a ópera, sem o menor interesse de tê-lo como integrante do grupo, decide regressar ao castelo de Lothario, a fim de resolver algumas questões.

Mas antes, decide escrever em uma carta endereçada à Werner, seu amigo e cunhado, a fim de contar as últimas novidades e o mais importante lançar seu adágio: “Deixo o teatro e junto-me aos homens, cujo contato haverá de me conduzir em todos os sentidos há uma pura e sólida atividade. (GOETHE, 2009, p. 467, grifos nosso). Ao afirmar isso na carta, não apenas está decidido a seguir o caminho que seu particular amigo havia solicitado algum tempo atrás, como em requerer a fortuna herdada por seu pai a fim de por si mesmo organizar sua vida, pois “partia com o espírito completamente outro que o da primeira vez; as perspectivas que tinha à frente eram fascinantes, e ele almejava experimentar em seu caminho alguma coisa alegre” (GOETHE, 2009, p. 468).

Dadas às novas circunstâncias, a vida de Wilhelm deixa de ser uma formação teatral para ser uma formação humana. Sendo esse o pressuposto da filosofia de Goethe apresentada em sua *opus magna*, vejamos em detalhes esse fundamento.

O teatro proporcionou ao jovem Meister uma formação teórica, aparente e mimética (MARANGON, 2020). Ora a questão da *mímese*, palavra de origem grega μίμησις, carrega em si o significado da imitação da vida real, a partir da manifestação artística, podendo ser compreendida como o reflexo da própria realidade que circunda a nossa existência. Nessa perspectiva durante todo o período em que esteve no teatro, Wilhelm, viveu uma interpretação encenada da realidade e do mundo. Alicerçado na ótica de escritores e dramaturgos encenava as vicissitudes da humanidade e buscava sentir o fulgor das emoções, aventuras e desventuras já vividas por outrem.

Logo, o teatro era o reflexo da realidade humana, e não a situação real, mas sim, uma encenação da mesma. O que não torna a formação teatral inválida, muito pelo contrário! É por ela que Wilhelm teve o seu primeiro contato com o mundo, e pode iniciar sua compreensão da realidade estrutural, que compõe as relações interpessoais da humanidade, bem como a necessidade de pertencer a ela como protagonista e não como

coadjuvante. Essa formação teatral, na atualidade assumiria a denominação de escola, de educação básica. Assunto que trataremos mais adiante.

No que se refere a formação humana, agora, Wilhelm está disposto e preparado para desenvolvê-la, estando fundamentado na realidade tácita e factual. Com as experiências das viagens e da formação teatral, Meister conquistou uma bagagem de conhecimentos e de cultura, que agora o encorajam a assenhorar-se de si mesmo com autoridade e propriedade, para exercer sua autonomia. Antes de empreender em sua caminhada, ele apenas imaginava, conjecturava como o mundo era. Agora ele já possui uma percepção considerável, podendo ele mesmo situar-se nesse ambiente espaço-temporal, chamado de sociedade.

4.6 O desvelamento da *Bildung*

Mediante esse esclarecimento, de si mesmo e da realidade que o cerca, ele será iniciado nos segredos da Sociedade da Torre, uma espécie de fraternidade de estilo maçônico, a qual interferia até certo ponto em sua vida desde tenra idade. Isso era necessário para monitorar e acompanhar seu desenvolvimento, investigando seus passos, auxiliando, provocando-o a pensar e refletir sobre suas escolhas, não intervindo diretamente, mas de forma indireta, permitindo que Wilhelm exerça sua liberdade a todo instante. Essas interferências ficaram mais assíduas durante sua viagem, embora Meister não percebesse. Após sua iniciação, algumas situações puderem ser compreendidas, como o porquê de personagens estranhos o abordarem, e incríveis coincidências acontecerem durante sua trajetória. Tão logo se apresenta a concepção de formação presente na obra, isto é, a interferência indireta da Sociedade da torre na vida de Wilhelm, percebe-se que está alicerçada em uma educação pelo erro.

Não é obrigação do educador de homens, preservá-lo do erro, mas sim orientar o errado; e mais, a sabedoria dos mestres está em deixar que o errado sorva de taças repletas seu erro. Quem só saboreia parcamente seu erro, neles se mantém por muito tempo, a legre-se dele como de uma felicidade rara; mas quem o esgota por completo, deve reconhecê-lo como erro, conquanto não seja demente (GOETHE, 2009, p. 471).

Deste modo, deixaram nosso jovem protagonista errar, ou melhor experienciar, mas o orientavam o tempo todo. Errar sem perceber a gravidade e o impacto da resultante fará com que o indivíduo se mantenha no erro por muito mais tempo. Grandes decepções, erros abruptos, podem ser superados e contornados mais rapidamente, do que aqueles em

que o sujeito se mantém em demasia. Ora, é através dos erros que podemos compreender quem somos, e entender o verdadeiro sentido de nossa existência. Afinal, como lamentar ou venerar aquilo que não conhecemos? Nessa perspectiva, é possível perceber o receio de Goethe, em deixar o indivíduo guiar-se por sua natureza, podendo optar por um caminho sem volta. Por isso a necessidade de um amparo, de uma estrutura ou a figura de um mestre que o direcione e o instrua no caminho que deve seguir. Buscando apontar a necessidade de fazer o melhor pelo outro e para o outro contribuindo com a sociedade em detrimento de sua própria humanidade.

4.6.1 O método goethiano

A Sociedade da Torre, buscava desenvolver a autonomia do sujeito - durante o seu percurso formativo - na tentativa de tornar o indivíduo ciente de suas escolhas e o mais importante conhecedor de suas limitações e possibilidades de construir-se harmonicamente, na relação com o outro. Esse grupo era dirigido pelo Abade, que aparece algumas vezes durante a viagem de Wilhelm para auxiliá-lo, mas revela-se apenas no final da obra ao entregar para ele sua carta de formação. Vejamos a carta de Aprendizado de Wilhelm Meister.

“Longa é a arte, breve a vida, difícil o juízo, fugaz a ocasião. Agir é fácil, difícil é pensar; incômodo é agir de acordo com o pensamento. Todo começo é claro, os umbrais são o lugar da esperança. O jovem se assombra, a impressão a determina, ele aprende brincando, o sério o surpreende. A imitação nos é inata, mas o que se deve imitar não é fácil de reconhecer. Raras as vezes em que se encontra o excelente, mais raro ainda apreciá-lo. Atraem-nos a altura, não os degraus; com os olhos fixos no pico caminhamos de bom grado pela planície. Só uma parte da arte pode ser ensinada, e o artista a necessita por inteiro. Quem a conhece pela metade, engana-se sempre e fala muito; quem a possui por inteiro, só pode agir, fala pouco ou tardiamente. Aqueles não têm segredos nem força; seu ensinamento é como pão cozido, que tem sabor e sacia por um dia apenas; mas não se pode semear a farinha, e as sementes não devem ser moídas. As palavras são boas, mas não são o melhor. O melhor não se manifesta pelas palavras. O espírito, pelo qual agimos, é o que há de mais elevado. Só o espírito compreende e representa a ação. Ninguém sabe o que ele faz quando age com justiça; mas do injusto temos sempre consciência. Quem só atua por símbolos é um pedante, um hipócrita ou um embusteiro. Estes são numerosos e se sentem bem juntos. Sua verbosidade afasta o discípulo, e sua pertinaz mediocridade inquieta os melhores. O ensinamento do verdadeiro artista abre o espírito, pois onde faltam as palavras, fala a ação. O verdadeiro discípulo aprende a desenvolver do conhecido o desconhecido e aproxima-se do mestre” (GOETHE, 2009 p 472).

A carta não é um resumo de suas experiências ou de seu aprendizado, mas sim, uma reflexão filosófica acerca de sua própria vida. Uma análise de sua trajetória, escrita

sob o olhar crítico, racional e emocional, cuja finalidade é direcionar o sujeito para trilhar seu caminho. Agora sem a interferência da Sociedade da Torre, Wilhelm exerce o domínio de si, o autogoverno alicerçado na *Bildung* cujo processo formativo perdurará por toda sua existência. A *Bildung* não termina com a compreensão e discernimento do autogoverno, essa é apenas uma das etapas que compõe sua magistral transformação do sujeito em um ser humano, conduzindo-o para sua *perfectibilidade*.

Ora, é possível dizer, que Goethe busca demonstrar a partir do acompanhamento de uma estrutura direcionada por um Mestre, o processo de uma efetiva formação integral, a qual resulta na abstenção das pretensões personalistas e egocêntricas, para tornar-se um cidadão participante da sociedade do seu tempo. Transformando-o em sujeito capaz de reconhecer a importância de compreender a realidade que o cerca, situação essa já superada por Wilhelm, como fora lhe revelado em sua carta. E por consequência, instigá-lo a assumir suas possibilidades e responsabilidades, a fim desenvolver tarefas intelectuais e laborais as quais beneficiam e auxiliam o mundo no qual o sujeito pertence desde seu nascimento.

A Sociedade da Torre queria que Meister entendesse que seu desejo pelo teatro não passava de uma pretensão fugaz e, que ele deveria dedicar-se em encontrar seu lugar no mundo. Nessa ótica, Goethe, introduz a ideia de negação da individualidade na formação do sujeito, pois as expressões “estar em sociedade”, “participar da sociedade” é recorrente na obra. Desse modo, a formação harmônica da vida, é a efetiva participação na ordem do mundo. O intento da formação universal, é tornar o indivíduo um *ser* cosmopolita do grego κοσμοπολίτης, significa aquele que é cidadão do mundo, que consegue transcender a sua realidade espaço-cultural para assim, construir sua existência como parte integrante do mundo. Nessa perspectiva, o verdadeiro sentido da educação seria formar o sujeito de acordo com as potencialidades de cada um. Goethe defende, que a primeira e última função do homem é a atividade, **“toda capacidade, mesmo a mais ínfima é inata”** (GOETHE, 2009, p. 495 grifo nosso), e que não existira nenhum sujeito sem capacidade ou alguma potencialidade (GOETHE, 2009)! mas sim, pessoas que carecem de auxílio em seu percurso formativo, para que possam conhecer a si mesmas a fim de construir seu próprio caminho de acordo com suas capacidades.

Nessa perspectiva, é preferível uma criança, um jovem que se perde ao seguir sua própria estrada na busca pela formação, a aqueles outros que caminham direito por uma estrada qualquer sem preocupação com a formação de si. Logo a figura do mestre, daquele orienta e conduz torna-se inevitável no processo de formação defendido por Goethe. Para

que possas entender qual é sua capacidade, seu talento, seu pertencimento a sociedade e um sujeito cosmopolita, o acompanhamento de um mestre – educador é imprescindível, pois este já exerce sua autonomia, vivenciou um longo percurso formativo e tem propriedade para ensinar e conduzir, a aqueles que querem e almejam compreender a si mesmos, tal como são.

Os que se preocupam com a formação, ao descobrirem seu verdadeiro caminho, jamais se desviarão dele. Quanto aos despreocupados, serão subjugados pela vontade alheia, creditando ao destino o capitaneio do “timão” de sua existência (GOETHE, 2009). Wilhelm não foi isentado do erro, pelo contrário deixaram ele acreditar que havia nascido para o teatro e que através dele construiria sua trajetória de vida. Mesmo com esse esclarecimento Meister estava revoltado em se desvencilhar de seu sonho infantil:

Perdoe-me — disse Wilhelm —, mas o senhor me negou duramente qualquer aptidão para ser ator; confesso-lhe que, mesmo havendo renunciado de vez a essa arte, não me é possível declarar-me totalmente incapaz para isso. Pois me é absolutamente incontestável — disse Jarno —, que quem só a si mesmo consegue representar não é ator. Quem não sabe transformar-se pelo espírito e pela aparência em muitas personagens, não merece esse nome. Por exemplo, o senhor representou muito bem o Hamlet e alguns outros papéis para os quais lhe favoreciam seu caráter, sua figura e a disposição de ânimo momentânea. Ora, isso seria suficiente para um teatro de amadores e para quem não visse pela frente nenhum outro caminho. Deve-se — prosseguiu Jarno, lançando um olhar para o manuscrito — precaver contra um talento que não se tenha esperança de exercitar à perfeição. Pode-se avançar nele tão longe quanto se queira, sempre ao final, quando se torna claro o mérito do mestre, haverá de lamentar-se penosamente a perda de tempo e forças que foram dedicados a tal fãncaria (GOETHE, 2009, p. 523).

Wilhelm está a reclamar da pressa que tiveram em seu processo de formação, a qual o levou a entender quem ele é. Agora com tantas revelações, passou a saber menos do que pode e deveria tornar-se. A sagacidade da obra de Goethe está nesse processo da *Bildung*, em mover o sujeito a um estado de espírito em que exercita a filosofia, permeando as certezas e incertezas, indo da verossimilhança a compreensão da verdade, tornando-o capaz de dirigir seus pensamentos de forma racional a fim de agir conforme sua capacidade e possibilidade de vir a ser e construir-se como queira. Somente após esse discernimento a Sociedade da Torre entrega a Carta de Aprendizado ao seu pupilo:

Absolvíamos segundo nosso método somente aqueles que sentiam vivamente e reconheciam com clareza para o que haviam nascido, e haviam exercitado o bastante para prosseguir seu caminho com certa alegria e felicidade (GOETHE, 2009, p. 522).

Wilhelm foi absolvido, estava apto a desenvolver-se, havia compreendido quem ele era e a real importância de fazer parte do mundo. Meister passa a fazer parte do grupo de pessoas que tem a compreensão de si, e que agora são capazes de agir, com consciência de onde se pretende chegar. Desse modo o sujeito, deve precaver-se de um talento que não pode ser praticado com perfeição. Embora nosso jovem,

[...] possuísse um olhar livre e perspicaz de que a natureza lhe dotou sobre todas as forças que só no homem residem e das quais cada uma pode desenvolver-se à sua maneira. A maior parte dos homens, mesmo os melhores, é limitada; cada qual aprecia em si mesmo, e nos outros, determinadas qualidades; e ele só favorece aquelas que quer ver desenvolvidas (GOETHE, 2009, p. 524 grifo nosso).

Nesse sentido, após receber sua Carta de Aprendizado, Meister percebeu que o desejo de ser um ator, estava fundamentado naquilo que eles parecem ser, mas não o são. Wilhelm projetava em si mesmo as encenações, e fantasiava ser igual aos personagens que os atores estavam a interpretar, sem se dar conta de que eram manifestações de um artista, preparado, dedicado e consciente de suas habilidades.

4.7 Uma compreensão de si mesmo a partir da *Bildung*

Felizmente Wilhelm compreendeu, o verdadeiro sentido da existência humana, exercer sua liberdade para construir a si mesmo, podendo a partir do momento em sabe quem ele é, conscientemente ir na direção que quiser. Nesse mesmo sentido a responsabilidade de pai, contribuiu para uma situação muito importante, “*mediante a observação do menino, se lhe tornara clara a natureza humana*” (GOETHE, 2009, p. 479). A possibilidade de acompanhar, instruir e educar seu próprio filho, mediante os seus anos de aprendizado. Assim, Meister carrega a obrigatoriedade de ensinar e preparar seu filho para compreender a si mesmo e o mundo.

Ademais, a viabilidade de ensinar o outro não se resume apenas aos filhos, mas aos pares, a comunidade e a sociedade em geral, “somentes todos os homens juntos compõe a humanidade; somente todas as forças reunidas, o mundo” (GOETHE, 2009, p. 524). O que faz o mundo funcionar é o conjunto de complementaridade entre os envolvidos. Logo, para além da possibilidade de ensinar, o sujeito precisa saber fazer algo, e isso de forma excelente, devendo produzir bens, trabalhar e capitalizar-se, afinal Wilhelm não deixou de ser um burguês. Agora é um burguês esclarecido. Uma pessoa,

quando tenta fazer todas as coisas, ou aquilo que não é de sua capacidade será e fará da mediocridade seu sustento. Viverá em uma ilusão e passará a vida tentando se encontrar.

Mediante o auxílio da Sociedade da Torre, Wilhelm compreendeu quem é, e que deveria assumir suas responsabilidades com os negócios da família, contribuindo com seus conhecimentos para uma possível melhora e erudição da classe burguesa, pois na medida da complementação entre as pessoas, é possível haver a *perfectibilidade* humana.

Nisso reside a intenção formativa de Goethe, manifestada através do abade, ao auxiliar na formação de Wilhelm Meister, levando-o a encontrar seu próprio caminho. Tornando-o ciente da necessidade de ser uma “engrenagem” importante na máquina do mundo, contribuir e assumir um papel na sociedade. Projetos personalistas não devem fazer parte disso. A sociedade burguesa da época pensava e agia assim. Os matrimônios eram realizados por conveniência e acordos entre famílias. Ao se tornar esclarecido utilizando-se da razão pública, Meister, supera mais uma das dicotomias difundidas pela sociedade de sua época, ao final da obra, casa por amor com a *nobre* Natalie, a irmã de Lothario, e viverá novas aventuras.

5 CONCLUSÃO

Nesse intercurso bibliográfico de cunho hermenêutico, foi possível analisar que, para Goethe, a formação humana é o processo de uma compreensão do verdadeiro papel do sujeito no mundo. Levando-o a entender a importância da moral, da ética, da necessidade de participar da vida pública e da política. Que a vida não deve ser encarada como um mero jogo de interesses. Perceber que a justiça e a democracia promovem o exercício da liberdade. Que o princípio da equidade deve imperar na organização social. Valorizando a interpessoalidade, pois é no relacionamento com os pares que o sentido da vida se manifesta. Devendo contribuir com a humanidade, no que se refere ao seu esclarecimento, intelectualidade e produção de bens sejam imateriais ou materiais, incentivando os demais a terem o espírito livre, que é o elo que liga o ser humano com sua própria humanidade.

Logo, não basta entender a realidade que o cerca. É preciso fazer parte dessa realidade, como um ser humano esclarecido, senhor de si mesmo. Assim, o sujeito participa na sinfonia do mundo como uma nota afinada. Visto ter perpassado pela composição da partitura da música, isto é, o exercício da *Bildung*, a qual reverbera o tom, de seu “movimento” na escala da existência humana.

Para tanto, é preciso considerar algumas situações. No enredo da obra, a Sociedade da Torre esteve guiando os passos de Wilhelm, conduzindo sua formação para que ele desenvolvesse sua autonomia. Na realidade factual do mundo, deveria assumir esse papel três estruturas, sem as quais uma sociedade organizada não se sustenta. Primeiramente a família, guiando o desenvolvimento pessoal e preparando-o para o mundo; em um segundo momento, a escola, que situará o sujeito no espaço e no tempo, apresentando o mundo como ele é, tornando-o conhecedor da historicidade da humanidade, e que ele é um ser importante na construção social. E por fim, o Estado, que teria o dever de amparar o sujeito, garantindo-lhe acesso a uma educação de qualidade e a liberdade para construir-se como queira. Essas três estruturas deveriam operar em conjunto, sustentando e orientando o indivíduo até que ele compreenda como utilizar sua razão para autonomia de si mesmo. Surge desse enredo a figura do mestre, do **educador**, o qual por intermédio da *Bildung* desenvolveu sua autonomia e trás consigo a responsabilidade de ensinar e orientar o sujeito em seu percurso formativo.

Outra situação peculiar é o problema trabalhado por Goethe no percurso existencial de Wilhelm Meister, que não faz parte apenas do romance, mas é uma questão filosófica complexa e importante. O mistério é: existe uma ideia vocacional no enredo da obra? Se existe, é só para Wilhelm, ou seria possível em nossa própria obra existencial? Qual seria o nosso verdadeiro caminho? Possuímos um talento natural? Todo sujeito tem uma potencialidade que é intrínseca a ele?

No decorrer da obra é possível perceber que o sujeito ao descobrir seu verdadeiro caminho jamais se desviará dele. Depreendeu-se por caminho, duas interpretações. A primeira é a compreensão do ofício/atividade que o sujeito deve exercer em sociedade, a qual deve beneficiar a comunidade de algum modo. A segunda é o entendimento sobre a necessidade de uma formação humana universal, a qual torna o sujeito esclarecido e conhecedor de si. Ambas as interpretações convergem para o “verdadeiro caminho do ser humano”. Enquanto não descobrir esse caminho, estará subjugado pela vontade alheia e subordinado a menoridade intelectual. São poucos os que têm sentido e ao mesmo tempo são capazes de ação para esse intento. Isto é, poucos exercem sua autonomia. E poucos são os que têm o sentido, a compreensão de si e da realidade.

Deste modo, a *Bildung* alemã e a formação humana para a autonomia, buscam superar um paradigma da nossa vida; *entender e não fazer ou fazer sem ter consciência*. Entender e não fazer é o que Kant (1985) denomina de menoridade intelectual. Fazer sem ter consciência é o que Goethe (2009) tenta superar a partir da *Bildung*. Por isso, o sujeito

deve exercer sua maioria intelectual, para assim desenvolver-se no percurso formativo, compreendo a importância de uma formação humana universal e precaver-se de uma função ou atividade que não beneficie de algum modo a sociedade pois, “só todos os homens juntos compõem a humanidade: só todas as forças reunidas, o mundo” (GOETHE, 2017, p. 524).

Logo, depreendeu-se do presente trabalho, um prelúdio da teoria educacional de Goethe, na qual seria possível ensinar ao sujeito, a partir da *Bildung*, o conhecimento de si mesmo, tornando-o capaz de moldar-se conforme seus intentos. Ou seja, o indivíduo traz consigo a possibilidade de *ser* quem ele quiser, a partir do momento em que ele sabe quem ele é. Deste modo, o sujeito entenderá que o mundo é totalmente factível, havendo apenas uma maneira de despertar as forças verdadeiramente construtivas para fazer-se um ser humano com espírito livre e esclarecido, exercendo efetivamente a autonomia por intermédio do percurso formativo da *Bildung* em direção a *perfectibilidade*.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. **Dicionário de questões vernáculas**. São Paulo, Caminho Suave, 1981.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. José Américo Motta Pessanha. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

BAUMGÄRTEL, Stephan Arnulf. **Corpo e performances: As You Like It de Shakespeare no século XX**. 1ª Ed. Florianópolis, Editora da UFSC, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Ensaio Reunidos: Escritos sobre Goethe**. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2009.

BORGAGATO, Rafael. MASS, Wilma Patrícia. **A recepção de Shakespeare na Alemanha**. Artigo, Graphos. João Pessoa, Vol. 13, N. 1, Jun./2011 - ISSN 1516-1536 Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/10271> acessado em 14-05-2022.

BRITTO, Fabiano L. **Sobre o conceito de educação (*Bildung*) na filosofia moderna alemã**. Educação On-line, Rio de Janeiro, n. 6, 2010. Disponível em <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/rev_edu_online.php?strSecao=input0>. Acessado em 12-04-2022.

CARVALHO, Adalberto Dias. **A educabilidade como dimensão antropológica**. Revista da Faculdade de Letras, Universidade do Porto: Filosofia, série II, vol. 7 (1990), p. 145-156. Disponível em <http://hdl.handle.net/10216/8725> acessado em 17/04/2022.

CHAUÍ, Marilena. **Contra a servidão voluntária**. Org. Homero Santiago. 2ª Ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2014.

CORTELLA, Mario Sergio. **Por que fazemos o que fazemos? aflições vitais sobre trabalho, carreira e realização**. 1º Ed. São Paulo, Planeta, 2016.

DALBOSO, Cláudio Almir. **Formação Humana (*Bildung*): Despedida ou renascimento?** Eldon Henrique Mühl, Han-Georg Flincking (org.), São Paulo, Cortez, 2019.

..... . **Condição humana e educabilidade:** um problema nuclear das teorias educacionais clássicas. *Revista Brasileira de História da Educação*, 2018b. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v18.2018.e013> Acessado em 19-05-2022.

DAIGNAULT, Jacques. **Pour une esthétique de la pédagogie.**, Victoriaville, NHP, 1985, 260 p.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia.** Editora Rio. Trad. de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro, 1976.

GOETHE, Johan Wolfgang. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister.** Trad. Nicolino Simone Mato, 2º Ed, São Paulo, Editora 34, 2009.

..... . **Escritos sobre literatura.** 1ª Ed. Rio de Janeiro, 7letras, 2000.

GETA, Petra Maria Pérez Alonso. **Antropogía biológica y educación:** aproximación a la educabilidad. Artigo. Universidade de Valência. *Educar*, [em línea], 1987, n.º 12, pp. 95-108. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Educar/article/view/42196> Acessado em 26-05-2022.

GOERGEN, Pedro. **Bildung ontem e hoje: restrições e perspectivas.** Artigo publicado na *Revista Espaço Pedagógico*, v. 24, n. 3, Passo Fundo, p. 437-451, set./dez. 2017. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/7758/4590> Acessado em 04-06-2022.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** Coleção Pensamento Humano. 16ª edição. Trad. de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006.

HUMBOLDT, Wilhelm. **Sobre a organização interna e externa das instituições científicas superiores em Berlim** (Kretschmer, J. & Rocha, J.C.C., Trad.). *Revista Logos. Anales del Seminario de Metafísica* Vol. 38 (2005): 283-291. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/ASEM/article/view/ASEM0505110283A> Acessado em 24-04-2022.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia.** 2ª Ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1999.

..... . **Textos seletos:** Resposta à pergunta o que é esclarecimento. Trad. Raimundo Vier. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Trad. Mirtes Frande de Oliveira P. Bauru, EDUSC, 2002.

LA BOITIÉ, Etienne. **Discurso da servidão voluntária**. Escuta: São Paulo, 1987.

LIMA, Geraldo Freire de. **Autonomia e emancipação em Kant e Adorno: um paralelismo conceitual pela via pedagógica**. Dissertação (Mestrado em Educação) 176 p. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2014. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/4872> Acessado em [28-05-2022](http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/4872).

LUKÁCS, Gerog. **Pósfácio**. In, GOETHE, Johann Wolfgang. Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister. Trad. Nicolino Simone Mato, 2º Ed, São Paulo, Editora 34, 2009

MASS, Wilma Patrícia. **O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MARANGON, Luís Márcio. **Goethe e a formação humana**. Editora CRV, Curitiba, 2020.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.

MENDELSSOHN, Moses: **Ueber die Frage: was heißt aufklären?** In: Berlinische Monatsschrift, Bd. 4, 1784, S. 193–200. Disponível em: https://www.deutschestextarchiv.de/book/view/mendelssohn_aufklaeren_1784/?p=1 Acessado em 14-05-2022.

MICILI, Paulo Celso. **As revoluções burguesas**. Coleção discutindo a história. 10ª ed. São Paulo: Atual 1994.

NEVES, Isabel Maria Cardoso das. **O homo educandos, ser agônico ou ser para a felicidade?** Dissertação de Mestrado em Filosofia da Educação, Universidade do Porto, 160 p. 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/15112>. Acessado em 14-05-2022.

PUC/RS. **Você sabe o que foi o “Sturm und drang”?** Curiosidades literárias. Revista virtual, publicada em 17/08/2009. Disponível em: <https://biblioteca.pucrs.br/curiosidades-literarias/voce-sabe-o-que-foi-o-sturm-und-drang/> Acessado em: 18-05-2022.

PLATÃO. **A teoria das ideias**. Trad. Adalberto Roesira, São Paulo, Hunter Books, 2013.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Trad. Maria Eduarda Galvão; 2ª Ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

SABBAG, Paulo Yazigi. **Espirais do Conhecimento**: ativando indivíduos, grupos e organizações. São Paulo: Saraiva, 2007.

SEDUC-RS, Secretaria Estadual da Educação do Rio Grande do Sul. **Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio** (2011-2014). Porto Alegre: Seduc, 2011

SIMÕES, Lisângela. **Estudo semântico e diacrônico do sufixo ‘dade’ na língua portuguesa**. Dissertação de Mestrado, (Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa), USP, São Paulo, 207 p. 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04022010-161225/pt-br.php>.

Acessado em 18-05-2022.

SUAREZ, Rosana. **Nota sobre o conceito de *Bildung* (formação cultural)**. Artigo publicado na Revista KRITERION, Belo Horizonte, nº 112, Dez/2005, p. 191-198 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2005000200005> Acessado em 18-01-2022.

ULICH, Robert. **The Education of Nations**, Harvard University Press, Cambridge, Mass 1961.

VIERHAUS, Rudolf. (Org.) **Geschichtliche Grundbegriffe**. Historisches Lexikon zur politisch-sozialen Sprache in Deutschland, s. 1.: Klett-Cota, 1984. p.244-342. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/up000029.pdf>

WILSON, Peter H. **El Sacro Imperio Romano Germánico**. [traducción de Javier Romero Muñoz]. Madrid, Desperta Ferro Ediciones, 2020.